

Jonatan Agostinho Cardoso

**PESCA ARTESANAL; DAS EXPERIÊNCIAS SENSÍVEIS ÀS
PRÁTICAS ECONÔMICAS:
UM OLHAR SOBRE A PESCA COM TARRAFA EM LAGUNA-SC**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à banca examinadora para
obtenção do título de Bacharel em
Antropologia pela Universidade Federal de
Santa Catarina (UFSC).

Orientadora: Profa. Alicia Norma González
de Castells.

Florianópolis

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Cardoso, Jonatan Agostinho

Pesca artesanal; das experiências sensíveis às práticas econômicas : um olhar sobre a pesca com tarrafa em Laguna-SC / Jonatan Agostinho Cardoso ; orientadora, Âlicia Norma González de Castells, 2017.

66 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Antropologia, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Antropologia. 2. Pesca artesanal. 3. Trabalho e identidade. 4. Relações econômicas. I. Castells, Alicia Norma González de. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Antropologia. III. Título.

Jonatan Agostinho Cardoso

**PESCA ARTESANAL; DAS EXPERIÊNCIAS SENSÍVEIS ÀS
PRÁTICAS ECONÔMICAS:
UM OLHAR SOBRE A PESCA COM TARRAFA EM LAGUNA-SC**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para a obtenção de título de Bacharel em Antropologia, e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 12 de Dezembro de 2017.

Prof. Dr^a Maria Eugenia Dominguez
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr^a Alicia Norma Gonzáles de Castells.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr^a Ilka Boaventura Leite
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr^a Patricia Martins.
Instituto Federal do Paraná - Campus Paranaguá

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus por apoiarem um sonho do qual pouco compreendiam. Por terem me ensinado a ter dureza e ternura, razão e paixão, na medida certa. A ter determinação e mover-se sempre na direção dos sonhos. A não perder a lucidez e ser sempre sincero comigo e com os outros. Também por seu apoio financeiro sem o qual seria impossível minha formação. Meus pais derramaram muito suor para que eu estudasse, para que dedicasse tempo à minha formação. Compartilharemos sempre nossas esperanças e sonhos. Serão sempre os meus melhores amigos.

Às minhas irmãs, que durante toda a vida me motivaram a seguir a curiosidade, por incentivarem minha vontade obsessiva pelo novo e para fazer o impossível. Serão sempre companheiras. Meus tios e primos que me ajudaram, dando conselhos, caronas e carinho. Aos amigos pessoais que estão sempre junto a mim (mesmo que virtualmente), me dando ideias, compartilhando comigo dos momentos mais prazerosos e, também, confortando minhas angústias. Agradeço ao nascimento de minha filha Manuela que aconteceu durante a pesquisa e me trouxe ao espírito novas sensibilidades.

Agradeço aos amigos e colegas de graduação por me ajudarem no dia a dia, de aula em aula, a compreender melhor a antropologia. Também por sempre terem dando incentivo a meu espírito aprendiz. Meus/minhas colegas me apresentaram capacidades intelectuais e pessoais que fazem parte do que sou, mas, que não era capaz de enxergar. Sempre serão lembrados com carinho.

Aos colegas do Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural (NAUI), em especial, às antropólogas e pesquisadoras Fátima Iino e Natalia Torres que compartilharam de seus conhecimentos e me ensinaram “na prática” a fazer etnografia, a realizar transcrições, fazer relatórios e diários de campo. Agradeço às antropólogas e pesquisadoras Ana Cristina Guimarães e Fátima Iino que comentaram em seminário realizado pelo núcleo minha pesquisa, fizeram uma leitura atenta e generosa. Suas dicas e conselhos me foram de grande valor.

Agradeço a professora Ilka Boaventura Leite que me mostrou os caminhos da escrita etnográfica. Agradeço por me ensinar e perceber a poesia que existe por trás de tudo. Professora Ilka Boaventura acompanhou praticamente todo o desenvolvimento de minha pesquisa, agradeço muito pelo carinho e a boa vontade que teve para com ela.

Agradeço pelo modo como me auxiliou criticando e elogiando meu trabalho, sempre me dando incentivo e inspiração. Agradeço e fico contente por ter se disponibilizado a participar da banca para defesa de meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço à antropóloga e pesquisadora Patricia Martins - professora do curso de Ciência Sociais do Instituto Federal Paranaense (IFPR) e membra do Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural (NAUI) - por ter se disponibilizado a participar da banca para defesa de meu Trabalho de Conclusão de Curso. Profa. Patricia Martins foi muito generosa aceitando ser membro da banca mesmo sabendo que isso poderia lhe causar grande cansaço intelectual e espiritual impostos pelo tempo e a distância.

Agradeço a professora Alicia Norma González de Castells que me acolheu no Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural (NAUI) desde o início de minha graduação. Devo a ela a elaboração dessa pesquisa. Profa. Alicia me ensinou com palavras e “piscadelas”. Acreditou em mim como ninguém, me proporcionou experiências que poucos podem experimentar durante a graduação. Sempre será considera minha grande “mestra”. Profa. Alicia me passou sua experiência, eu absorvia no cotidiano cada gesto e palavra sua. Abriu-me espaço na academia, me deu liberdade para produzir, permitiu que eu libertasse minha criatividade, minha imaginação antropológica. Serei sempre grato pela confiança que depositou em mim e a maneira terna como me orientou desde o início da graduação.

Aos pescadores artesanais de Laguna.

E a todos os trabalhadores da pesca.

RESUMO

Esta pesquisa aborda a pesca artesanal na cidade Laguna-SC a partir da pesca com tarrafa. Busca-se, prioritariamente, mas não de forma excludente, compreender os saberes tradicionais relacionados à pesca com tarrafa a partir do prisma da produção. Para isso são abordadas questões relacionadas às técnicas e aos usos do corpo, os saberes que organizam os espaços produtivos e as práticas relacionados à comercialização do pescado.

Palavras-chave: Pesca artesanal, tarrafa, produção.

ABSTRACT

This research approach the artisanal fishing in the city of Laguna-SC stem from of fishing with tarrafa. Seeks out, but not with exclusiveness, understand the traditional knowledge related the fishing witc tarrafa starting from the prism of production. In order to do so, questions related to the techniques and uses of the body, the knowledge that organize the productive spaces and the practices related to the commercialization of the fish caught are addressed.

Keywords: Atisanal fishing, tarrafa, production.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	15
1. A CONSTRUÇÃO DO SABER PESQUEIRO.....	19
1.1. A vida no correr das águas.....	19
1.2. A arte de fruir do meio.....	20
1.3. O corpo e a prática.....	22
1.4. Os instrumentos de trabalho.....	24
1.5. A tarrafa e os nuances do lanço.....	26
2. SUBETIVAÇÕES DA PESCA COM TARRAFA.....	31
2.1. O prazer de tarrapear.....	31
2.2. Saúde e beleza.....	32
2.3. Histórias; vividas e imaginadas.....	33
2.4. A relação com os botos.....	36
2.5. Pescar com os botos é “pescar”.....	38
3. PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO PESCADO.....	43
3.1. Divisão e regras de uso do espaço.....	43
3.2. Os locais de pesca.....	47
3.3. A tainha e o parati: os principais pescados.....	51
3.4. Relações com o mercado.....	55
3.5. A valorização do pescado na praia da Tesoura.....	56
3.6. A comercialização da tainha na praia da Tesoura.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69

APRESENTAÇÃO.

Essa pesquisa dá-se em torno à pesca artesanal na cidade de Laguna - SC. Trata-se de uma análise sobre a pesca praticada nas águas próximas da lagoa do Santo Antônio dos Anjos, nas suas encostas e no canal que liga essa ao mar. Onde os pescadores fazem uso de pequenas embarcações e utilizam a tarrafa como instrumento de captura.

Objetiva-se interpretar as nuances que envolvem a pesca com tarrafa. Pensando o pescador que usa deste instrumento de captura como alguém que reserva algumas particularidades relacionadas à sua arte pesqueira. A pesca com tarrafa envolve saberes técnicos específicos, assim como, uma série de subjetivações aflora a partir da sua prática cotidiana. Os pescadores que pescam apenas com a tarrafa referiram-se como “pescador de tarrafa” (enquanto trabalhadores da pesca), o que indica algo indentitário.

Devo a elaboração do trabalho ao envolvimento em uma pesquisa realizada pela equipe do NAUI (Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural) orientada pela professora Alicia Norma González de Castells sobre a pesca com o auxílio dos botos na cidade de Laguna. A pesquisa foi publicada em 2015 com o título: *Educar, documentar e valorizar para preservar: pesca artesanal com o auxílio dos botos em Laguna*. (CASTELLS; IINO, 2015).

A elaboração da minha narrativa acaba por isso tendo uma íntima relação com os trabalhos que realizei no transcorrer desta pesquisa. Participando das atividades da pesquisa, realizei as transcrições das entrevistas. Desses depoimentos é de onde retiro a maior parte das falas dos pescadores que compõem o texto.

Faço uso de nomes fictícios por questões éticas. Apenas um dos interlocutores (Sr. Latinha) não recebe um nome fictício. Sr. Latinha é uma figura de certa popularidade. Seu nome é referenciado em um documentário do canal de televisão dos EUA (Animal Planet), por exemplo. Acreditamos que devido a publicidade de Sr. Latinha, não estaremos ferindo seus sentimentos, lhe atribuindo características ou relatos que discordam com os dele. Sua imagem não aparece no texto sob nenhum estereótipo, pelo contrário, esse senhor é alguém a qual devo muito respeito e a quem trato com carinho no texto.

O trabalho de campo foi feito em duas etapas¹. Num primeiro momento, estive em campo na companhia das colegas do Núcleo, para coletar informação sobre a pesca com o auxílio dos botos. Em um segundo momento fui desacompanhado para a continuação de minha pesquisa. Com um novo olhar, voltado para a pesca com a tarrafa e não mais para a pesca com o auxílio dos botos. Nesse segundo momento, novos interlocutores apareceram.

Quando estive desacompanhado em campo estava interessado, particularmente, em analisar a pesca com a tarrafa. Aos pescadores fazia questões que diziam respeito a minha proposta. Interessava-me entender os dinamismos daquela pesca, seus desdobramentos enquanto prática de trabalho. Os lugares onde estive nesse momento se restringiram, praticamente a praia da Tesoura e os arredores do molhe. Com menos intensidade observei a pesca no centro da cidade. Os pescadores foram, aos poucos, me passando seus conhecimentos sobre a pesca com tarrafa, desde as técnicas e usos do corpo relacionados à prática até os principais pescados capturados por esse pescador.

Na praia da Tesoura (localizada no bairro do Mar Grosso, nas margens do canal que liga a lagoa do Santo Antônio dos Anjos ao mar) foi onde os pescadores me relataram sobre a pesca com tarrafa com maiores detalhes. Passava horas na praia observando e conversando com eles. Cada nova informação me levava a novos questionamentos e dessa forma, em conversas informais, os pescadores foram, aos poucos, me apresentando os nuances que envolvem seu saber-fazer. Foi nesse momento que o pescador que usa a tarrafa como instrumento de captura referiu-se como “pescador de tarrafa”.

Tem-se a intenção de localizar a pesca com tarrafa em um contexto mais amplo, estabelecendo um diálogo com os trabalhos em antropologia realizados no Brasil sobre a pesca artesanal. Trato o trabalho na pesca artesanal enquanto relação social e experiência individual, o que implica em identidades construídas junto a uma prática pesqueira. Considerando questões que perpassam desde a “educação corporal”

¹ Estive em campo junto aos membros do Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio cultural (NAUI) de novembro de 2014 até o final de julho de 2015. Desacompanhado estive em campo entre setembro de 2016 e abril de 2017. Estive por 14 dias Laguna, quase sempre em pernoites. Dessas saídas a campos seis aconteceram na companhia das colegas do Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio cultural (NAUI), as outras oito saídas foram feitas desacompanhadas. Apesar de não ter permanecido um longo período de tempo em campo, tive a oportunidade de acompanhar situações diversas; épocas diferentes do ano, diferentes condições climáticas, assim como, a sazonalidade dos diferentes pescados.

(RAMALHO, 2011) relacionada ao trabalho pesqueiro até a relação com os “significados simbólicos impressos na água” (CUNHA, 2000.).

Essa abordagem (sem tratar diretamente o tema) pode trazer reflexões a respeito de como podem se expressar formas de sociabilidades tradicionais no contexto das sociedades complexas. Como os atores sociais fazem uso inventivamente de seus conhecimentos dentro de uma trama de relações entre agentes diversos, em uma sociedade industrial, projetada a partir das leis do mercado e pela vontade dos grandes trustes econômicos.

As Questões econômicas são abordadas tendo em vista que a produção do pescado é voltada para o mercado, enquanto “pequena produção mercantil simples.” (DIEGUES, 1983). A valorização e a comercialização do pescado são analisadas em diálogo com os conceitos de “mercadoria” e “tempo de trabalho” (MARX, 2017).

O texto é constituído em três capítulos. Cada capítulo apresenta aspectos distintos da pesca com tarrafa em Laguna; a construção do saber pesqueiro da pesca com a tarrafa, os sentidos simbólicos que afloram da sua vivência cotidiana e, por último, os fatores relacionados entre a produção e a comercialização do pescado.

No primeiro capítulo são tratadas questões relacionadas a construção do saber-fazer pesqueiro, levando em consideração o espaço das águas enquanto meio de trabalho e vida, o que implica conhecer e saber fruir dos espaços. Os instrumentos de trabalho são tratados nesse capítulo, e em especial, a tarrafa. Neste capítulo contextualizo a pesca com tarrafa em âmbito mais amplo, estabelecendo um diálogo com análises antropológicas sobre a pesca artesanal no Brasil.

No segundo capítulo se explora as subjetivações relacionadas ao trabalho na pesca com a tarrafa. São tratadas questões que dizem respeito ao prazer que sente o pescador com relação à pesca com tarrafa, assim como, os relatos que ressaltam a prática como algo que traz saúde e beleza ao corpo e ao espírito. Também são tratadas nesse capítulo as histórias contadas pelos pescadores, desde suas experiências individuais às “mentiras”, compartilhadas entre os pescadores como um discurso válido.

Neste capítulo também faço uma breve reflexão sobre a relação dos pescadores com os botos e seus desdobramentos, que vão desde atribuições culturais dadas aos botos pelos pescadores, até as reivindicações da prática da pesca enquanto um saber

tradicional que repercute na cidade e é tratado cada vez mais em termos patrimoniais pelas pessoas ².

No terceiro capítulo são tratadas as questões que dizem respeito à produção e comercialização do pescado. Nesse capítulo são exploradas as maneiras como os pescadores fazem uso dos espaços de pescaria, criando “regras” que dizem respeito ao uso de cada “local de pesca” com tarrafa. Também trago dos relatos dos pescadores a menção aos principais pescados no que dizem respeito à comercialização, assim como, as relações que mantem os pescadores “autônomos” (MALDONADO, 1986) com o mercado da pesca. A valorização do pescado na praia da Tesoura é tratada na pesquisa como uma mescla entre saberes tradicionais e capitalistas atuando em conjunto na construção do valor do pescado, que é também, a valorização do próprio trabalho do pescador.

Trata-se, também nesse capítulo, da comercialização da tainha na praia da Tesoura. Na época da tainha o “pescador de tarrafa” é o maior responsável pela captura deste pescado bastante valorizado. Como acontece em outros lugares do país, as pessoas das regiões próximas ao litoral costumam procurar a tainha na época em que ela está sendo capturada. Em Laguna, a tainha fresca (até mesmo viva) sairá das tarrafas. O “pescador de tarrafa” nessa época atuará com protagonismo. Uma *feira do peixe* será por ele forjada nas areias da praia da Tesoura.

O texto é construído sempre em um diálogo entre o campo e os conceitos da antropologia e da sociologia. Construir o texto dessa maneira foi o modo que me pareceu mais adequado para a compreensão da pesquisa. Os recursos que utilizei para a construção da escrita podem implicar, em alguns momentos, em uma visão pragmática do trabalho na pesca, em especial, quando adoto conceitos da teoria marxista para análises que dizem respeito à valorização das mercadorias e a concepção do trabalho de forma genérica e universal.

² Pensado em pessoa de forma genérica: [Lat. *Persona*] *sf.* 1. O ser humano em seus aspectos biológicos 2. Indivíduo (3 e 4) 3. *E. Ling.* flexão pela qual o verbo indica a relação dos sujeitos falantes entre si (FERREIRA, 2010).

1. A CONSTRUÇÃO DO SABER PESQUEIRO.

O pescador artesanal é um tipo de trabalhador que carrega especificidades que estão relacionadas, sobretudo, ao meio. O espaço onde atua como trabalhador é o espaço das águas, sem divisibilidade aparente, espaço que será delimitado e explorado a partir de seu conhecimento sobre o meio, o domínio das técnicas e dos instrumentos de trabalho. O pescador artesanal consegue ver no espaço das águas lugares onde pode atuar e daí retirar seus frutos. Ele está em contato constante com o meio natural e tem de descobrir modos de agir e de interagir com ele.

O contato continuado com os ventos, as maresias, o sol e a chuva, assim como a própria prática cotidiana da pesca, serão responsáveis por modelar o corpo do pescador. A pesca artesanal se constrói no uso do corpo que tem de ser paulatinamente educado para atingir a melhor performance. O uso dos instrumentos exige uma perícia que se constrói na mente e no corpo ao mesmo tempo. Ter a posse do mínimo de equipamentos de captura ou de navegação, saber fazer uso deles, também saber fazer as manutenções necessárias é o que tornará possível e até viável o trabalho do pescador autônomo.

A partir dessa relação com o meio, o corpo, os instrumentos e os saberes relacionados ao seu trabalho e também em alteridade a outros atores sociais, os pescadores teriam reservados para si particularidades identitárias que lhes destacam como um tipo específico de trabalhador.

1.1. A vida no correr das águas.

As comunidades que vivem sob a influência das águas, seja o mar, lagos, rios, estuários, de certa forma, são vistas e também se veem com certa especificidade. As comunidades de pescadores apresentam características singulares que emergem de sua relação com o meio, com os frutos e com a materialidade das águas, assim como, o imaginário que brota da relação com o ambiente. Antônio Carlos Diegues (1995) propõe que levasse em conta a particularidade das comunidades marítimas:

O viver exclusivamente de um ambiente marítimo, ecologicamente distinto do “continental”, é um elemento fundamental ainda que não necessariamente determinante de toda uma “cultura marítima” tão presente nos portos de pesca de inúmeros países do mundo. (DIEGUES, 1995, p. 30).

Além das comunidades estritamente marítimas, as comunidades que, de modo geral, tem o mar ou as águas de rios e lagos como piso de trabalho, preservam particularidades relacionadas ao ambiente aquático. A experiência na pesca artesanal carrega o imaginário das pessoas de códigos para explorar o ambiente aquático e usufruir dele.

O piso de trabalho do pescador é forjado em meio às águas. Ele deve aprender a ver além do que está na superfície, sentir com seu corpo o próprio ambiente, descobrir caminhos onde eles não são evidentes, ou sequer existem, senão para quem esses caminhos fazem sentido; os próprios pescadores. Para eles, as águas mostram o que aos outros não é possível.

Para Simone Carneiro Maldonado (1994) as noções de territorialidade na pesca marítima seriam elemento essencial na construção do conhecimento pesqueiro. A criação de espaços que viabilizam a pesca seria um elemento essencial no que diz à captura do pescado, assim como daria fruto a diferentes relações sociais. Segundo Maldonado:

Pensando a experiência pesqueira nos termos inspirados pelo mar, podemos dizer que a sua indivisão se apoia sobre formas complexas e elaboradas de divisão. Sendo o mar patrimônio da humanidade e meio de posse comum, a sua exploração se viabiliza nas formas em que cada grupo social o percebe, delimita e divide, construindo territórios marítimos (MALDONADO, 1994. p. 33).

O pescador sabe perceber, sentir a água, pois ele aprendeu com o tempo e com a prática a ler a sua superfície. Também a interpretar o voo das aves, os ventos e marés. É alguém que conhece em intimidade o ambiente onde atua. Os mapas mentais são transmitidos dos mais velhos para os mais moços. O corpo e a mente do pescador são educados para a pesca. Nesse processo de troca com o ambiente vão sendo criadas sociabilidades e atribuídos significados ao meio, meio que também marca as pessoas.

1.2. A arte de fruir do meio.

Para pensar o trabalho na pesca artesanal trago um conceito de Marx onde o trabalho é visto, antes de tudo, enquanto relação entre o homem e o meio natural. Nesse momento o trabalho seria, antes de tudo, um processo no qual o homem entraria em diálogo com a natureza, um processo no qual o homem atuaria sobre meio e onde o

meio também atuaria sobre o homem. Essa relação desenvolveria expressões inventivas, permitiria aos homens desenvolver determinadas potencialidades. Segundo Marx:

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [*Naturmacht*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mão. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nele jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio. (MARX, 2017. p. 255.).

Dessa maneira, lidando com o ambiente, o homem criaria formas de ação sobre o meio usando de seu corpo e de sua mente. Antônio Carlos Diegues descreve alguns modos de “controle sobre a arte da pesca” (DIEGUES, 1983). Um saber-fazer constituído de inúmeras sensibilidades, que se constrói sobre as pessoas a partir do diálogo estabelecido entre homem e meio, assim como com os instrumentos de trabalho. Destaco algumas observações de Diegues:

O domínio da arte exige dele uma série de qualidades físicas e intelectuais que foram conseguidas pelo aprendizado na experiência, que lhe permitem apropriar-se também dos segredos da profissão. É fundamental nessa caracterização a unidade entre força de trabalho e os instrumentos de trabalho. Esses são adaptados ao corpo humano, e sua utilização exige uma técnica especial que é apanágio do artesão [...] Tornar-se um pescador profissional, entretanto, significa ser portador do conhecer que implica no quando, onde e porque fazer. Esse conhecer é constituído por um conjunto de ideias sobre o navegar, o momento das marés, os tipos de fundo propícios para a vida de certas espécies de pescado, noções empíricas sobre hábitos de diferentes peixes, etc. O importante não é conhecer um ou outro aspecto do segredo, mas saber relacionar os fenômenos naturais e tomar as decisões relativas à captura. (DIEGUES, 1983. p. 198-199).

O exposto acima tenta destacar a importância das relações que se estabelecem entre o homem e o meio e como isso será importante para o desempenho do pescador. Marcado pelas relações entre o meio onde encontra seu piso de trabalho, o pescador artesanal vai sendo educado a perceber o que está nas águas e que não pode ser visto a não ser por que detêm os conhecimentos necessários.

O seu corpo irá sofrer as influências da exposição à maresia, os ventos, o sol e até as chuvas, pode ter de lidar com parte do corpo submersa, sua musculatura enrijecera. No fazer pesqueiro cotidiano o pescador aperfeiçoa sua performance a partir do conhecimento da técnica, dos sentidos do corpo e do intelecto para retirar das águas seus frutos.

1.3. O corpo e a prática.

A pesca artesanal exige que o corpo seja explorado de diversas maneiras, o corpo é “*locus* de efetivação da pesca” (RAMALHO, 2011. p. 317). É a partir de um corpo sensível, capaz de compreender e agir a partir do tato ou da visão, que o pescador apropria-se do uso dos instrumentos e da natureza. É um corpo educado, moldado, feito para e junto à prática, aperfeiçoado em inteligência, em força e na conformidade. Para Cristiano Wellington Noberto Ramalho:

O trabalho pesqueiro inscreve-se e se constrói no uso do corpo, na educação do saber sensível humano, expressando-se, ao longo dos anos, no apuro e refinamento de alguns sentidos para que os pescadores exerçam sua atividade com qualidade nas águas dos rios, estuários e/ou mar. (*idem*. p. 315).

No caso observado em Laguna, como atestaram nossos informantes seus corpos foram paulatinamente moldados junto à prática. Todos se referem a um início na pesca ainda crianças, com idades entre sete, oito, dez anos de idade. A pesca artesanal exige uma educação, que geralmente se inicia cedo na vida da pessoa, seu corpo e sua mente são educados durante a convivência com a pesca, os mais velhos ensinam como usar a sensibilidade do corpo e da imaginação aos mais moços.

Todos referem seu aprendizado a convivência que tiveram com pessoas experientes e sabidas da prática, na maioria das vezes, foi com o pai na infância com quem eles aprenderam a pescar, se não, de algum modo, outro instrutor conhecido e experiente lhe transmitiu os saberes.

Sr. Nivaldo diz que: “desde uns oito anos, nove anos por ai, desde que me conheci por gente tava com a tarrafa na mão” e continua: “meus pais eram pescadores, meu pai além de ser policial ele era pescador”. Sr. Latinha também fala algo parecido: “ah, eu pesco desde os sete anos, sete anos eu já andava com o pai agarrado na canoa”. O dito por Sr. Nivaldo e Sr. Latinha se repete nas narrativas de vários pescadores. Esse aprendizado se dá no próprio exercício da prática onde a pessoa se depara com um

ambiente específico, com instrumentos de trabalho também específicos e que vão determinar seu desempenho.

Rose Mary Gerber, no seu estudo sobre mulheres pescadoras no litoral de Santa Catarina mostra alguns desafios encontrados pelas pescadoras para adaptar-se a pesca, questões relativas a instrumentos como os macacões que devem ser adaptados para o uso de uma mulher assim como diversas técnicas relativas ao uso do corpo. Gerber, segundo suas interlocutoras, se refere a um aprendizado que se fez de forma geral, em meio familiar, e, sobretudo, por homens. Mas destaca outro aspecto que diz respeito, a um aprendizado que se faz de modo coletivo, compartilhando os membros do grupo os seus saberes:

Os saberes da pesca ocorrem pelo que eu chamaria de uma circulação que se renova continuamente por meio da troca de aprendizados, na qual as mulheres ensinam o que aprendem e aprendem o que as outras pescadoras aprenderam com outras pessoas. O aprendizado dos saberes se dá pela observação e prática diária junto a quem ensina e também pela troca que ocorre *boca a boca* pela divulgação de descobertas ou invenções. (GERBER, 2015. p. 166).

O pescador tem de aprender a dominar os instrumentos no mesmo tempo em que encara certa hostilidade do meio que é a água. É preciso aprender a tarrafejar, a soltar a rede, a se equilibrar na embarcação e não enjoar. Os olhos aprendem a perceber sinais que para olhos destreinados passam despercebidos, sentir o vento e a maré, concluir a partir daí o que se está “sendo dito”, com as condições postas no momento.

Deve aprender os ciclos das espécies, o movimento das aves, enfim, todo o meio onde está inserido pode ser interpretado e codificado, e de fato é isso que acontece. O corpo e a mente são educados com o tempo a perceber o que não está dado de imediato, mas que tem de ser interpretado a partir dos sentidos do corpo e dos sinais que o meio oferece.

Em Laguna, especificamente no caso da pesca com os botos, alguns pescadores disseram que passaram a pescar com seu auxílio depois de seus pais, estes não pescavam com o boto. Falam sobre um passado agressivo dos botos. Segundo os pescadores os botos foram acostumando à sua presença e eles a dos botos. Com tempo os pescadores “aprenderem” a pescar com os botos. Segundo Cristiano Wellington Ramalho:

[...] formas de sociabilidade produzem educações corporais e sensíveis distintas no transcurso do tempo e nas mediações sociais particulares, seja em seus aspectos materiais, seja nos ingredientes simbólicos. (*idem*. p. 318).

Nesse ponto o corpo e a técnica se ajustaram, também, para pescar com os botos. E o aprendizado parece se assemelhar ao dito por Gerber (2015) na medida em que um coletivo de pessoas cria e da continuidade a novos saberes. Cristiano Wellington Ramalho sintetiza bem as noções de corpo e mente que trabalham juntos para construir o conhecimento pesqueiro:

Fazer-se pescador é gradativamente, adquirir consciência cada vez mais sofisticada do corpo, de suas possibilidades de apropriação, de autocriação. O refinamento cognitivo conecta-se ao próprio refinamento sensitivo, e este àquele – saber sensível que é, ao mesmo tempo, saber intelectual, imaginativo, embora singularidades entre eles sobrevivam sem se opor. Na realidade, tais saberes celebram aproximações e são indissolúveis. (*idem*. p. 316-317).

A pesca artesanal, a semelhança de outras formas de trabalho manual, exige esforço físico, domínio de técnicas, uso de ferramentas e exposição ao clima, o corpo inevitavelmente se adéqua de uma maneira ou de outra (dependo de cada organismo e imaginação) é preciso expor o corpo e saber fazer uso dele. O trabalho manual, como o nome sugere, exige o uso das mãos, dos braços, do tronco e das pernas.

1.4. Os instrumentos de trabalho.

Os instrumentos de trabalho são elementares para que a prática da pesca seja exequível. Possuir o mínimo dos instrumentos necessários assim como saber utilizá-los com maestria é uma questão essencial para que o pescador se realize enquanto tal. O domínio dos instrumentos de trabalho, assim como das técnicas do corpo e dos conhecimentos sobre o meio, é um fator a mais na constituição identitária do pescador; pessoa que domina uma prática, prática que envolve uma gama de sabedorias.

Os pescadores de Laguna com o qual tivemos contato nos falaram em “artes de pesca” para se referir a alguns equipamentos, como as tarrafas, redes, e demais armadilhas. Sr. Elias disse serem artes de pesca: “Rede, quirimbau, tarrafa, tem uma porção né? tem aviãozinho [...]”. Esses instrumentos assim como as embarcações são os meios que tornaram possíveis ao pescador artesanal retirar das águas seus frutos.

Geralmente são os próprios pescadores quem fazem suas tarrafas, redes e até as embarcações. Existem também pessoas que pescam e que podem se tornar especialista na fabricação de determinados instrumentos e comumente, se encomendado à confecção de algum instrumento, pode-se vender a algum outro pescador. É comum que se fabrique uma tarrafa, por exemplo, requerida por algum pescador que não seja tão bom artífice na produção dos instrumentos.

Outros instrumentos são adquiridos no mercado como as linhas de nylon, botas, macacões de borracha, anzóis, molinetes, ou mesmo motores para as embarcações. Também são necessários reparos e substituições de muitos equipamentos devido aos danos que o próprio uso deteriora diariamente.

As redes no geral são feitas de nylon, tecidas, com agulhas próprias, lembrando uma costura ou um crochê. O saber pesqueiro se faz outra vez em terra quando é em terra que ele conserta, confecciona e até vende as “artes do mar” que confecciona. As embarcações são construídas muitas vezes pelos próprios pescadores que irão as utilizar. Vimos alguns galpões onde os pescadores trabalham nessa parte de *marcenaria* da pesca. Em outra ocasião conversamos com um senhor que nos mostrou uma batera que estava construindo só e aos poucos.

As embarcações que encontramos em Laguna e de que fazem uso os pescadores que pescam com tarrafa são basicamente de três tipos; o bote, a batera e a canoa. Sr. Alencar nos deu uma breve explicação sobre as diferenças entre as três modalidades.

Segundo ele, o bote é maior, tem motor mais potente e custa mais caro, em torno de cinco a seis mil reais, um batera que é menor que o bote, também motorizada, mas menos potente, tem um valor de mil a dois mil reais, e a canoa feita de um pau só, que não tem motor, custaria em torno de mil reais.

Também no caso das embarcações a figura do especialista na confecção parece bastante evidente. Sr. Alencar nos indicou valores de embarcações, o que indica que alguns compram e outros as produzem. Vimos que essas embarcações são produzidas nos bairros onde moram os pescadores e que são pensadas para a o tipo de pesca praticada na região.

Os pescadores costumam atribuir às embarcações nomes de pessoas queridas, homenagens aos pais ou aos filhos, por exemplo. Os nomes das embarcações expressam uma ligação sentimental dos pescadores para com elas, demonstra uma relação que extrapola a consideração da embarcação como puro instrumento de trabalho. Essa

relação com as embarcações revela afeto e se torna um ingrediente a mais na constituição da identidade do pescador artesanal.

Os macacões de borracha também são um importante equipamento para a prática da pesca artesanal em Laguna, principalmente quando o pescador está em contato imediato com a água, dentro da água. O macacão que cobre o corpo até o peito protege o pescador do frio e a exposição prolongada à água. São bastante utilizados na pesca de tarrafa. Também as bicicletas, com alguma caixa amarrada a garoupeira são um meio de transporte bastante utilizado, na caixa o pescador leva os equipamentos, também alimento, água. Apesar de vermos vários pescadores irem trabalhar de carro, a bicicleta é bastante utilizada.

Esses equipamentos, petrechos “artes do mar”, constituem um elemento essencial à prática da pesca, determinam a sua viabilidade. Ter e manter seus equipamentos constitui para o pescador uma garantia de que pode realizar seu trabalho. Por outro lado acabam sendo uma extensão do seu próprio corpo na medida em que eles os levam pelas águas, arrancam do meio aquático o que as mãos do homem são incapazes de fazer e também defende seu corpo de um ambiente hostil.

O fato de serem os instrumentos na maior parte construída pelos pescadores, projetados para as suas condições de pesca mostra outra face do saber-fazer da pesca artesanal. O trabalho que se faz *em terra* na confecção dos instrumentos. Um trabalho complementar ao da pesca e que exige novas performances, novos saberes. Saber construir uma rede, uma tarrafa, ou mesmo uma embarcação são conhecimentos que o pescador artesanal carrega, sendo mais um elemento na gama de saberes que envolve a pesca artesanal.

1.5. A tarrafa e os nuances do lanço.

A tarrafa é um instrumento de pesca muito utilizado em toda a lagoa do Santo Antônio Dos Anjos. É um instrumento de trabalho essencial para a prática de muitos pescadores artesanais. Em Laguna a pesca com tarrafa é bastante significativa, tanto em termos econômicos, como simbólicos e identitários. Foi comum ouvirmos pescadores classificarem a si como “pescador de tarrafa”. Segundo alguns pescadores com qual conversei, se pesca com tarrafa em Laguna utilizando-se de duas técnicas diferentes.

A tarrafa é uma rede que se constitui de forma cônica, como um saco que tem uma grande abertura e vai se afunilando. Na medida em que aumenta seu tamanho

longitudinal, aumenta a sua circunferência. Ela pode ter vários metros de comprimento. Quanto maior ela se estender longitudinalmente maior será a sua abertura e alcance para captura.

A tarrafa possui duas cordas, uma no fim, que é fixada junto à malha e possui no seu interior pedaços de chumbo, e outra no início, onde se inicia a tecelagem da malha de nylon que compõe a rede. Essa última corda é a que sustenta toda a tarrafa. Segurando essa corda, que fica presa ao braço, o pescador lança a tarrafa.

A “malha” representa o corpo da tarrafa. Esse termo também indica o tamanho dos espaços entre os nós traçados na confecção do instrumento. Os nós tramados são feitos levando-se em consideração seu uso (o tipo de pescaria, o tamanho dos pescados que está pensado em capturar).

Se os o espaço entre os nós forem pequenos, tiverem dois ou três centímetros, por exemplo, será uma tarrafa de malha pequena. Se o espaçamento entre os nós compreender cinco ou sete centímetros, por exemplo, será uma tarrafa de malha maior que servirá para captura de peixes grandes. Os pescadores que fabricam tarrafas fazem usos de agulhas especiais para tecer a malha, essas agulhas são usadas também para os restauros que os pescadores cotidianamente realizam em suas tarrafas.

A medida da tarrafa é feita a partir do tamanho de sua circunferência. Os pescadores determinam o tamanho na medida das “braças”. Essa medida compreenderia um metro e meio. As tarrafas que os pescadores que tivemos contato costumam pescar eram consideradas grandes, superavam facilmente vinte “braças”. Apenas os pescadores mais velhos ou mais frágeis, como nos relataram, pescam com tarrafas pequenas, que teriam cerca de quinze braças.

Para utilizar a tarrafa o pescador deve portar uma série de conhecimentos a respeito do instrumento. Deve dominar uma série de questões relacionadas à maneira como segurar e arremessar a rede, saber retirar-la da água sem perder os peixes, sem que se danifique, saber fazer reparos, entre vários outros conhecimentos que envolvem a tarrafa como instrumento de trabalho.

Com a tarrafa nas mãos e sobre o seu domínio, o pescador deve realizar o movimento que caracteriza a maneira como se pesca de tarrafa, a dizer; o lança. Podemos entender o lança como o ato de lançar a tarrafa na água. O pescador arremessa

a tarrafa para frente e um pouco para cima. Primeiro se vê uma nuvem de nylon e chumbo, depois que a tarrafa se choca na água pode-se ver um anel desenhado a partir do choque. O movimento dos braços no lanço deve ser preciso de modo que no instante em que é arremessada ao ar a tarrafa se abra e caia na água em formato circular.

Em fevereiro de 2017 encontrei na praia da Tesoura muitos pescadores e também comercializações de pescado na areia, porém pouquíssimos peixes saiam das tarrafas dos pescadores, eles pescavam, sobretudo, o parati. Próximo a um balcão de vendas improvisado Sr. Lucena me oferece peixes, eram tainhas, que segundo dito, parte veio de casa e estava congelado e parte havia sido capturado em outro “local de pesca”.

Os peixes pertenciam a um amigo que ele estava acompanhando, seu amigo é pescador, mas ele não, é pedreiro, estava ali, segundo disse, por distração, para ver a pesca. O pescador (seu nome não me foi revelado, pois, na informalidade e no calor da conversa, esqueci-me de perguntar) amigo de Sr. Lucena disse ser “pescador de tarrafa”, e que só pesca com tarrafa e inclusive não faz uso de embarcações.

Esse pescador olhava o tempo inteiro para o que estava acontecendo na água, atento ao movimento dos botos e as tarrafeadas dos pescadores. Falou muito de um pescador que sequer sabia tarrapear, disse que quando esse lançava a tarrafa ela não abria bem e caia “embolada”, batendo na água quase sem abrir corretamente e de forma brusca.

Sr. Lucena, muito mais falante, disse nunca ter aprendido a tarrapear, disse ser algo “difícil” de se fazer. Ele se referiu a duas técnicas diferentes de se pescar com a tarrafa que então passei a reparar entre os pescadores na Tesoura. Uma com o uso da boca para auxiliar o lanço e outra utilizando apenas os braços.

Segundo me disse Sr. Lucena e seu amigo, utilizar apenas o braço exige mais destreza no lanço, e também demonstra níveis diferentes de domínio sobre a prática. Consideravam que não utilizar a boca aperfeiçoa a técnica, mais a dificulta na medida em que exige maior destreza. A utilização da boca para lançar a tarrafa pode facilitar o lanço, assim dito por Sr. Lucena. Os dois disseram que utilizando a boca o pescador “sente o gosto” da água, eles se referiram a isso como algo repugnante.

Seu amigo disse não utilizar a boca, apenas os braços. A técnica de lançar a tarrafa sem fazer uso dos dentes para suporta-la e arremessa-la é feito com o pescador usando somente os braços para lançar a tarrafa, sendo que o braço direito faz o lançamento da tarrafa. A malha e os chumbos da tarrafa cobrem o antebraço que impulsionara a rede para cima e para o lado. Na medida em que o pescador vai esticando o braço a rede vai se abrindo até que caia na água em círculo exato.

O que me foi dito pelos pescadores e visto em campo pareceu mostrar que existem graus diferentes de domínio da técnica, e que pescadores mais experientes na pesca com tarrafa (sem levar em consideração a idade, por exemplo) utilizam apenas o braço. Vi Sr. Murilo que é considerado um bom tarrafeador, um dos mais conhecedores da pesca na Tesoura e muito esperto na pesca com botos utilizando apenas os braços. Em outra vaga, no mesmo momento, estava Sr. Donato, que nos disse ser policial aposentado e pesca por lazer, utilizar a boca para realizar o lanço.

O grau de domínio, segundo acredito, só pode advir do convívio constante com a pesca e com a tarrafa. Segundo Marx: “A arte de se apropriar realmente do instrumento, de o manipular enquanto meio de trabalho, surge como um talento particular do trabalhador” (MARX, 1973. *apud*, DIEGUES, 1983. p. 202.).

2. SUBJETIVAÇÕES DA PESCA COM TARRAFA.

O mundo da pesca artesanal está envolto em significações feitas a partir da experiência dos pescadores no ambiente onde trabalham, de modo geral, a água. Nela se inscrevem características da terra, dando forma social a natureza. Da mesma forma o mundo social acaba por absorver a natureza e o universo simbólico que ela oferece. Segundo Lúcia Helena de Oliveira Cunha:

Prenhe de significados, a água é elemento da vida que a encompassa e a evoca sob múltiplos aspectos, materiais e imaginários. [...] a água se inscreve no domínio do simbólico, enfaixando várias imagens e significados. (CUNHA, 2000, p. 15).

Em Laguna podemos observar muitas subjetivações que dizem respeito à relação dos pescadores com as águas. Ouvimos relatos que falavam sobre as dificuldades do trabalho na pesca, Também até o contrário, o do fazer viver bem e com tranquilidade, com saúde e gozo. Ouvimos histórias sobre os botos, sobre as vidas pessoais, sobre as “mentiras” que os pescadores inventam ou ouvem de outros pescadores e compartilham entre si por descontração, a “mentira” nos foi relatada como discurso válido e bem vinda pelos pescadores.

2.1. O prazer de tarrapear.

Foi comum ouvirmos relatos que faziam referencia a certo gosto que se tem pela pesca com tarrafa, um prazer que ela, como prática de trabalho, pode dar ao pescador. Apesar das dificuldades e do dispêndio, a pescaria nos foi descrita como uma prática boa, que faz bem ao pescador.

Sr. Nivaldo disse que existe um sofrimento na prática:

“calor né, o calor, o frio, a tempestade, o trabalho que passa né? nem sempre é mar de rosa né? Tá lá sem camisa no boto, mergulhado”.

Mas também se refere ao prazer:

“é sentir o peixe na tarrafa entendeu? Esse é o gostoso [...] ele é dificultoso pescar, mas também é gostoso, tu vai se divertir, por exemplo, essa tarrafada que eu dei ai de duzentos e pouco”.

Na sua fala, dois grandes prazeres, comuns a maioria dos pescadores que ouvimos se mostram. O momento em que se pode “sentir o peixe” e as grandes “tarrafadas”.

“Sentir o peixe” nos foi relatado por quase todos como o grande prazer da pesca com tarrafa. Seria quando se tem o peixe pego na tarrafa e se sente o esforço dos peixes lutando contra a força do pescador para retirar a rede da água. Nesse momento se sente nas mãos que seguram a tarrafa pela corda que vibra com intensidade devido ao choque dos peixes contra as malhas mergulhadas que os envolve. É uma luta corporal, onde o peixe irá perder.

As grandes “tarrafadas” são comentadas entre o grupo e sempre lembradas individualmente. Eles lembram o número de peixes, cem, duzentos, etc. É um motivo para se memorar com orgulho, como se tivesse sido um dos grandes momentos de sua vida na pesca e também de sua vida como pessoa. O desempenho de cada dia é comentado depois do expediente se os pescadores se encontram. Ser um bom tarrafeador é algo que envolve prestígio. Segundo nos disseram os interlocutores, gera “fama” à pessoa em meio ao grupo.

Vimos grandes “tarrafadas” na praia da tesoura na época da tainha, “tarrafadas” que nos surpreendiam e a todos que assistiam a pesca. Eram “tarrafadas” de no máximo quarenta tainhas, o que já era uma quantidade muito grande quando se veem todos os peixes, que são grandes, juntos na areia sendo despescados e contados um a um. Os peixes eram vendidos vivos, às vezes, no momento da despesca.

Quando um pescador saía da lagoa em direção a areia e sabia que sua tarrafa estava cheia de peixes, caminhava com ar altivo, peito estufado, sorriso de orgulho no rosto. Na areia os companheiros também ficam contentes. O ambiente se torna contagiante em astrais. Se existir grande captura de peixes e se botos estiverem na praia (Tesoura), tudo parece intenso o tempo inteiro.

2.2. Saúde e beleza.

Alguns pescadores relacionam à prática a beleza dos corpos e a saúde. Sr. Latinha se mostrou muito vívido e alegre, conversava bastante e era bem humorado. Falou que gosta de dançar, disse sorrindo e provocando risos:

“Quando eu to dançando parece que eu to pescando com o boto”.

E depois continuou:

“com o boto eu faço bagunça, no salão eu danço, e nas estrada eu faço ginástica e na cozinha eu faço comida e no cofre tá vazio”.

Lúcia Helena de Oliveira Cunha chama atenção para as considerações relacionadas à saúde feitas pelos pescadores artesanais:

[...] a representação do mar como fonte de saúde, porém é reiteradamente evocada no universo de significações simbólicas atribuídas a esse espaço pelo pescador, transcendendo a dimensão do trabalho, ainda que a ele estejam vinculadas. (CUNHA, 2000. p. 19).

Sr. Latinha não escondeu em nenhum momento suas dificuldades financeiras, algumas mágoas, sua casa “velha”, sua batera roubada. Mas deu a impressão a gente de que a vida na pesca é alegre, e sadia e rejuvenescedora, pois Sr. Latinha é bastante jovial, e tem já alguma idade. Falou da alimentação, de que come bastante peixe, e que isso representa saúde. Mostrando um retrato de sua filha ele diz:

“Minha filha é linda, imagina, eu quando era novo não era feio também, vou ter filho feio. Vê se essa filha não é bonita? Essa minha filha ó, essa é comedeira de peixe. Essa é papa peixe, siri, pra tiver, filho de pescador é assim ó, tudo bonito ó.”

Segundo Simone Maldonado, para os pescadores de Ponta do Mato o Peixe é considerado “item básico da dieta” (MALDONADO, 1986.p. 66) e que faria parte do “do contexto da identidade do pescador e seu grupo” (*idem.* p. 67). Sr. Latinha falou que come bastante peixe, de modo geral, a maioria dos pescadores que tive acesso mencionou o peixe como parte da dieta. Alguns pescadores detalharam diferentes gostos e modos de preparo de pescados específicos.

2.3. Histórias, vividas e imaginadas.

“eu acho que eu uma semana, um livro enche as minhas histórias, mas são tudo história importante” (Sr. Latinha).

O dito por Sr. Latinha indica algo bastante comum às pessoas quando falam sobre si, a vida ganha forma de um relato que parte da experiência individual. Segundo Gilberto Velho “[...] a trajetória individual e a biografia tornam-se cada vez mais centrais na visão de mundo moderno-ocidental.” (VELHO, 2013. p. 141). O ato de falar

de si sempre pode ganhar um tom biográfico, os percursos da vida são valorizados e se apresentam no discurso.

A identidade do indivíduo nas sociedades complexas seria “adquirida em função de uma trajetória com opções e escolhas mais ou menos dramáticas” (VELHO, 2013. p. 62). A partir dos relatos dos pescadores que tivemos acesso poderíamos pensar em trajetórias individuais marcadas pela relação com a pesca. Em alguns casos essa relação se torna mais evidente, mas todos parecem ter construído identidades junto ao trabalho na pesca.

Isso se mostra em alguns apelidos, por exemplo, que são atribuições aos pescadores e que vieram a partir da pesca. O apelido de Sr. Latinha se deve a um momento um pouco dramático, em que pegou um boto na tarrafa e recebe um apelido igual ao nome do boto. A história é um pouco complexa. Ele fala da ocasião, um dia em que pescava na companhia de um amigo:

“É por causa de um boto que eu peguei, peguei um filhote de boto [...] mas tinha o Latão, o latinha, tinha um a família [...] Peguei ele, meti a mão na tarrafa bem ligeiro [...] ai eu peguei, ai eu disse: 'Rambo pega aqui, vamo levantar a cabeça dele pra cima' e ele começou a respirar[...] ai soltei [...] ai a bota era Lata: 'ai vamo bota o apelido do João de Latinha', e ficou no boto, ai. Mas antes, mas antes de botar o apelido em mim, na tarrafa veio uma lata de cerveja, todo enferrujada, ai disse: 'ei João pegasse uma Latinha de cerveja?' 'peguei' 'vamo botar teu apelido de Latinha'. Ai ficou, tudo por causa de uma lata de cerveja. Ai hoje ó, já morreu o Latão, o Lata e o Latinha, só existe só eu com o nome dele. É verdade, e ai o mundo inteiro me conhece como se eu fosse um boto. Não, latinha agora só eu, só o João. Vocês querem ver o Latinha, pois então que me veja.”

Ouvimos, um pouco sobre a história de vida que nos contavam os pescadores, de como trabalhavam em outros lugares além da pesca, quem eram seus filhos, porque pescavam. Tinha a impressão de que eles queriam mostrar nas conversas algo de si. Quando ouvia os relatos dos pescadores, sempre tinha a impressão de que, para os eles, o fato de falar de si a partir de seu trabalho, era algo relevante.

Primeiro, por serem procurados pela sua arte de pescar com o auxílio dos botos, algo que lhes orgulha. Segundo, porque são os pescadores membros de uma sociedade complexa, industrial e individualista e que, para eles, mais importante do que falar da pesca com o auxílio dos botos era importante falar sobre suas vidas. O trabalho na pesca é apenas parte de sua vida, parte indissociável da própria identidade, mas não eram

apenas *pescadores* quem conversam conosco. Penso que eles queriam dizer quem eram como indivíduos. Segundo Gilberto Velho:

Nas sociedades onde predominam as ideologias individualistas, a noção de biografia, por conseguinte, é fundamental. A trajetória do indivíduo passa a ter um significado crucial como elemento não mais contido mas constituidor da sociedade. É a progressiva ascensão do indivíduo psicológico. Nesse sentido é a memória desse indivíduo que se torna mais relevante. Suas experiências pessoais, seus amores, desejos, decepções, frustrações, traumas, triunfos, etc. são os marcos que indicam o sentido de sua singularidade enquanto indivíduo, que é, constantemente enfatizada. (*idem*. p. 64).

Lembro quando encontramos Sr. Tadeu na praia da tesoura. Ele nos falou de várias coisas subjetivas, num tom confessional. Sr. Tadeu teve vontade quando falávamos com ele de expor um lado pessoal. Falou-nos que tinha o poder de prever o futuro e o clima. Disse que acertava a previsão do tempo enquanto a do “jornal” estava sempre errada. Que um dia teria morrido, caiu no sofá desacordado, morto, levantou depois de cinco minutos. Depois desse acontecimento nunca mais sentara naquele sofá.

Tinha um olhar lacrimoso, triste, mostrou suas mãos calejadas e pediu para que mostrássemos as nossas, da mesma maneira que nos mostrava as dele; estendida com as palmas voltadas para cima. Montamos então um círculo de palmas abertas. Nossas mãos macias muito contrastavam com as dele marcadas pelo seu trabalho, e era isso que ele queria dizer. Sr. Tadeu parecia querer expor uma vida difícil.

Ele nos queria mostrar seu sofrimento. Acredito que quis mostrar para registrarmos e dar voz a ele, às suas marcas de vida de pescador. Ele quis pôr lado a lado diferentes modos de vida e trabalho expresso em corpos distintos. O corpo marcado pelo esforço e desgaste físico das mãos do pescador, e as mãos macias dos pesquisadores. Ele queria expor aos pesquisadores, a partir do corpo, as diferenças entre o trabalho manual e intelectual.

Sr. Latinha falou sobre histórias de “mentira”. A “mentira” é aceita como um discurso válido, que faz sentido para os pescadores, fazendo parte de seu imaginário pesqueiro. “Mentir” não significa enganar, são relatos imaginados que fazem parte dos diálogos cotidianos. É algo constitutivo dos valores simbólicos do grupo. As “mentiras” que nos contou Sr. Latinha envolviam elementos da pesca como peixes e o próprio cotidiano do trabalho. São histórias que se conta por descontração, para se divertir e divertir o grupo:

“Então a gente fica contando história, às vezes é verdade, eu sei de história de mentira, porque a mentira, quando ela é bem pregada, ela é válida, não tem coisa melhor do que escutar uma conversa de mentiroso, aqueles mentirosos de carteirinha, não tem? Aquele mentiroso que fala com a alma mentira que aquilo é lindo”. (Sr. Latinha).

Histórias de mentira nos apareceram também em campo. Na praia da Tesoura ouvíamos muitos relatos sobre o canal em tempos passados. Histórias como naufrágios de navios negreiros. Ouvimos relatos de “mentira” quando perguntávamos o porquê de a praia da Tesoura ter esse nome. Os pescadores queriam se divertir e divertir também a nós com essas histórias.

2.4. A relação com os botos.

A relação que acontece entre os pescadores artesanais em Laguna com os botos parece um espetáculo onde os golfinhos parecem adestrados em um parque e que são eles pescadores e dançarinos. É, antes de tudo, uma relação entre o homem e um animal, uma interação entre natureza e cultura quase sem paralelos.

A pesca com o auxílio dos botos foi o que deu origem a todas as várias investigações da academia, de produtoras de documentários de diferentes países, de programas de televisão, fotógrafos e outros artistas. Essas especulações deram publicidade aos pescadores e os botos da cidade de Laguna (que também se reconhece nos botos, isso se mostra nas faixadas do comércio, nas manifestações ³das pessoas da cidade). Todos em Laguna conhecem a pesca com o auxílio dos botos, fato que não diminui o encanto e carinho que sentem pelos botos pescadores.

Essa relação entre os homens e os botos, segundo nos contaram os pescadores, já teria algum tempo. Os pescadores mais velhos nos disseram que se pescava com os botos já na geração de seus pais, alguns dizem que essa relação tem mais de um século.

³ No dia 12 de março de 2015, Fatima Iino e eu acompanhamos um seminário que contava com a presença de várias lideranças de comunidades de pescadores de Laguna e de municípios vizinhos. Colônias, associações e cooperativas das diferentes comunidades, junto a advogados e representações políticas se manifestavam com relação à poluição das águas do Complexo Lagunar e a consequente mortandade de peixes. Também era reivindicada a fiscalização para que se evite a mortandade dos botos por parte de redes ilegais postas no canal que liga a lagoa do Santo Antônio dos Anjos ao mar e no rio Tubarão. Além disso, presenciei algumas vezes em campo militantes com megafones e cartazes com dizeres que chamavam a atenção à preservação da vida dos botos.

Os pescadores mais experientes também nos falaram sobre um passado agressivo do boto, ou seja, ele teria se acostumado a pescar na companhia do pescador. O que os pescadores dizem é que ele aprendeu a “trabalhar” com os pescadores comendo os peixes que ficam por fora da tarrafa, assim, não caem na rede. Da mesma maneira, os pescadores foram aprendendo a pescar com os botos, aprimorando a compreensão dos sinais que indicassem a presença de algum cardume, também aprenderam a tarrapear sem ferir, ou mesmo, capturar os botos.

Os botos teriam aprendido a comer o peixe e não cair nas malhas da tarrafa, se acostumando à presença do pescador e “amansando”. A relação foi sendo paulatinamente construída. Os botos foram ganhando nomes atribuídos pelos pescadores, esses passaram a identificar famílias. Também são atribuídas a cada boto personalidades diferentes. Os pescadores elegem seus preferidos, e de modo geral, sentem grande afeto pelos botos, às vezes, também, desafetos e intrigas.

Os pescadores criaram categorias que distinguem os botos na pesca, os botos podem ser “bons” e “ruins”. Os botos “bons” são os que auxiliam os pescadores na pesca. São botos que “cercam” (acurralam o cardume próximo da onde está o pescador) dando a oportunidade ideal para se tarrapear e capturar os peixes. Os botos “ruins” são botos que não se aproximam do pescador, são “ariscos”, não atuam junto ao o pescador, não “trabalham”.

Gláucia Oliveira da Silva em um estudo acerca das classificações da natureza, dos seres vivos realizada pelos pescadores artesanais em Piratininga no Rio de Janeiro, faz uso dos conceitos de totemismo e da ideia do pensamento selvagem de Levi Strauss para dar conta de seu problema. Segundo ela:

As noções “selvagens” constituem um tipo de classificação que estabelece códigos que correlacionam metafórica, metonímica e analogicamente, cultura e natureza, de maneira que ambos os domínios, de ordens de grandeza distintas, podem ganhar vínculos “mágicos” de comunicabilidade e relações de interferência recíproca. (SILVA, 2000. p. 88).

A relação dos pescadores com os botos em Laguna pode também ser vista por esse prisma, onde natureza e cultura se interseccionam e se interferem. Os pescadores de Laguna estendem os domínios da sociedade e da cultura aos botos, atribuições simbólicas e humanas bem expressas em termos como “trabalhar”. O boto “trabalha” junto com o pescador, pesca com ele, o auxilia de dentro pra fora da água. O trabalho do boto pode ser entendido como complementar ao do pescador quando os dois trabalham

juntos. Os dois têm em comum o fato de buscarem o peixe, esse fator é o que proporciona, em primeiro momento, a aproximação entre os botos e os pescadores.

2.5. Pescar com os botos é “pescar”.

Manuela Carneiro da Cunha no ensaio “*cultura*” e *cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais* (2009) levanta uma discussão acerca dos conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais, problematizando o termo analítico cultura. Ela reflete sobre como contemporaneamente, por um lado os antropólogos, e de outro e os povos tradicionais, estão tratando os usos e as concepções relativas ao termo. Segundo Manuela Carneiro da Cunha:

Enquanto a antropologia contemporânea, como Marshal Sahlins apontou, vem procurando se desfazer da noção de cultura, por politicamente incorreta (e deixa-la ao cuidado dos estudiosos culturais), vários povos estão mais do que nunca celebrando sua “cultura”[...]. (CUNHA, 2009. p. 313).

A autora problematiza a questão levando à análise à tentativa de compressão dos paradoxos que podem aparecer a partir da popularização e o uso político do termo cultura. A partir de um encontro em Rio Branco em 2005 onde se discutia acerca de direitos intelectuais indígenas ela afirma que:

[...] o conceito de propriedade sobre o conhecimento foi apropriado por povos indígenas em sua interface com a sociedade ocidental e levado a novos desdobramentos. (*idem*, p. 318).

O encontro contava com lideranças indígenas de várias etnias da região amazônica que debatiam os direitos intelectuais relacionados ao uso de determinados itens culturais. Ela traz para o texto a reflexão feita por um chefe Yanomami que contesta o fato se conceber a bebida *honi* (conhecida no Brasil, sobretudo, com o nome de ayahuasca) como sendo cultura:

O velho levantou-se, imponente. Olhou para o auditório e disse com indignação, em português: “Alguém aqui acha que *honi* é cultura? Eu digo que não. Não é! *Honi* não é cultura!”. (*Idem*, p. 314).

O posto pelo chefe se faz útil à reflexão acerca da detenção de conhecimentos tradicionais. Quando são tratados como propriedade de um grupo ou se seus usos

envolvem contextos mais amplos, nesse caso, para o chefe, *honi* não era cultura, pois não era pertencente a algum grupo específico, mas de posse e uso de muitos.

Na opinião do chefe, *honi* não pode ser utilizado como modo de reconhecimento eficiente na medida em que não representa um particularismo. Dessa forma, a bebida (*honi*) não poderia ser usada como algo a ser posto na arena das reivindicações dos direitos sobre os itens culturais.

A pesca com o auxílio dos botos parece ser considerada cada vez mais algo do tipo “cultura” (CUNHA, 2009). Os pescadores mantem com os botos uma relação que extrapola a pesca, os botos estão presentes nas vidas e nos sentimentos de muitos pescadores entrevistados. A morte de um boto causa uma comoção que envolve todo um coletivo de pessoas, os pescadores prezam pelos botos, sabem que são pescadores que reservam uma identidade construída junto aos botos e cada vez mais expressa como algo identitário, algo próprio, exclusivo e pertencente a um grupo específico.

A especificidade da pesca com o auxílio dos botos, a sua história, que remete a gerações de pescadores em Laguna, o orgulho que sentem os pescadores que pescam com o auxílio dos botos, a repercussão da prática em toda a cidade e também fora dela demonstra uma estreita identidade dos pescadores e das pessoas da cidade de Laguna com os botos. Revela um lado da pesca com o auxílio dos botos que estaria para as pessoas como um bem cultural e identitário.

Nas proximidades da praia da Tesoura existe uma placa que avisa sobre a pesca com os botos. Também foi erguida, suspensa como se estivesse nadando, uma estátua de boto, bastante próxima do tamanho real do animal. Além disso, em toda a cidade se vê pintado nas fachadas dos comércios figuras de golfinhos. Nos restaurantes e em locais públicos da cidade é comum ver-se fotografias dos botos postas em molduras decorando as paredes.

As pessoas que pescam com o auxílio dos botos descrevem a prática como prazerosa. Para os que convivem com frequência junto aos botos eles são alguém conhecido. Somente as pessoas que praticam essa pesca conseguem sentir essa sensação, o pesquisador vagamente consegue descrever.

A relação é objetiva e também é produtiva, por um lado. Por outro, porém, tentar explicar ou entender um sentimento como o que sente o pescador que pesca com o auxílio dos botos é algo que estaria para cada experiência e cada individualidade, algo extremamente subjetivo que jamais conseguirei sentir da mesma maneira que alguém que convive com os botos, principalmente, os que pescam com os botos.

O trabalho dos botos divide opiniões entre os pescadores; ou ele estaria caçando para sobreviver e os pescadores se aproveitando da ocasião ou ele realmente quer a companhia dos pescadores e a procura. Apenas essa é a mais polêmica das opiniões que tem os pescadores a respeito da relação com os botos. Mesmo dividindo opiniões entre os pescadores, os mais céticos e os mais líricos pescam igualmente com o auxílio dos botos.

Somente essa divisão de opinião a respeito de um fenômeno, já seria suficiente para percebermos o tamanho do valor da pesca com o auxílio dos botos. Algo só pode ser dado a questionamentos quando constitui alguma realidade, seja objetiva e óbvia ou subjetiva e misteriosa.

Retorno à ideia de “cultura” de Manuela Carneiro da Cunha (2009) para pensar sobre a questão da pesca com os botos, quando ela é sentida na experiência corporal e espiritual das pessoas que a praticam, quando ela repercute na sociedade mais ampla e quando ela se torna objeto de divergências e diferenciações quanto à maneira e o porquê da parceria com o golfinho.

Parece bastante evidente que o fenômeno da pesca com o auxílio dos botos é algo visto como que pertencente a determinado grupo de pescadores, e, em um segundo momento, à própria cidade de Laguna. Algo cada vez mais visto sob uma perspectiva patrimonial.

Laguna é uma cidade cuja parte histórica é tombada como patrimônio tangível. A cidade no Séc. XIX foi palco da proclamação da República Juliana, no contexto da revolução dos Farrapos (1835 -1845). Desse acontecimento a história conservou a figura de Anita Garibaldi, que é representada por uma estátua no centro da cidade. Onde um dia foi a casa de Anita hoje existe um memorial dedicado à heroína.

Laguna é uma cidade que ressalta os aspectos patrimoniais. O centro antigo (reformado) remete a quem circula pelas apertadas ruas de pedra e observa as construções barrocas do período colonial a um período que nenhum de nós viveu. Laguna é um tanto bucólica.

Nesse contexto, onde uma imaginação histórica da cidade caminha junto com as pessoas, os botos, pode-se dizer, foram entrando amiúde nessa perspectiva de identificação social. Sobretudo para os pescadores, para quem Anita Garibaldi existe, mas depois dos botos.

A relação dos pescadores com os botos já gera há algum tempo especulações de diferentes áreas da academia, das artes plásticas e inclusive do cinema de

documentários, Foram produzidos documentários de fora do país, contando as equipes com ajuda dos pescadores, Sr. Latinha nos falou sobre um filme que fez. Eu o vi no filme, já um pouco antigo, Sr. Latinha ele era mais moço no documentário.

O boto entra em um campo de significação bastante amplo. A pesca com os botos é vivida, vista e lembrada como uma prática cultural, que pertence, sobretudo, a esses pescadores que pescam com o auxílio dos botos, uma pesca que exige do pescador bastante habilidade e precisão na tarrafa.

É algo específico e que pertence a um determinado grupo que é capaz de compreendê-la e senti-la como apenas eles. A pesca com os botos, pertence aos pescadores que pescam com o boto e a quem vive de, alguma maneira, esse fenômeno.

Pensando a partir do que é posto por Manuela Carneiro da Cunha: “‘cultura’ tem a propriedade de uma metalinguagem: é uma noção reflexiva que de certo modo fala de si mesma”. (*idem*. p. 356). Assim, poderia localizar a pesca com auxílio dos botos como algo do tipo “cultura” (CUNHA, 2009). Pescar com o auxílio dos botos seria como “pescar”.

3. PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO PESCADO.

A produção na pesca artesanal está (além do conhecimento corporal, intelectual, técnico e dos instrumentos de trabalho) necessariamente relacionada à questão do espaço. No meio aquático será fundamental ao pescador saber reconhecer os lugares mais propícios para que se encontrem os cardumes. Esses lugares são geralmente acidentes geográficos encontrados na costa ou em locais submersos. Em Laguna esses lugares são chamados pelos pescadores de “locais de pesca”. Em cada um desses lugares são estabelecidas “regras” de uso que os pescadores obedecem para que o acesso seja democratizado.

As relações com o mercado são instáveis. É comum que os pescadores vendam o pescado a atravessadores que podem determinar os valores, deixando o pescador em uma posição desfavorável. Em Laguna, para o “pescador de tarrafa” os principais pescados são o parati e a tainha, capturados nas águas da lagoa do Santo Antônio dos Anjos ou na costa do mar. Pode-se perceber em campo como os pescadores utilizavam maneiras de valorização e comercialização do pescado (socialmente construídas pelo grupo) que criam condições mais favoráveis à comercialização, com valores maiores do que pagam os atravessadores ou mesmo a indústria.

Comercializações de pescado na praia da Tesoura são comuns o ano inteiro, o pescador vende peixes diretamente ao consumidor, geralmente vivos. Na época da tainha os pescadores que pescam com tarrafa são bastante procurados pelas pessoas da cidade e de lugares próximos para comprar o peixe. As comercializações nessa época são intensas. A praia da Tesoura é utilizada intensamente pelos pescadores, tanto para a pesca como para a venda do pescado.

A maior parte do pescado é capturado na Tesoura, mas também são comercializados nesta praia peixes que podem vir de outro “local de pesca”, ou mesmo da casa do pescador. A grande movimentação de pescadores e pessoas comprando tainhas cria um clima de *feira do peixe*. Nesse momento o pescador estabelece seu próprio mercado.

3.1. Divisões e regras de uso do espaço.

A questão do território, quando temos em vista a produção na pesca artesanal, tornasse uma das noções essenciais à viabilidade da prática, que se faz sobre as águas. O

piso de trabalho “indiviso” (MALDONADO, 1994) desafia a inteligência dos pescadores que devem enxergar locais para a sua ação onde estes não se mostram, a primeira vista, evidentes.

Nas condições da pesca artesanal, os pescadores devem encontrar os locais onde existem maiores chances de captura, se constroem caminhos, mapas imaginados, que o pescador conhece interpretando os sinais que a natureza lhe oferece. Esses locais são geralmente lugares onde os peixes procuram alimento, se abrigam, ou descansam.

São pedras submersas, buracos no fundo do mar, lagoas ou rios, acidentes geográficos na costa que influenciam, de maneira ou outra, a presença do peixe naquele local. Em Laguna, os pescadores chamam esses lugares de “locais de pesca”. Para atingir esses lugares, são pensados caminhos sobre as águas traçados pelos pescadores. Esses caminhos foram estudados na pesca marítima por Simone Carneiro Maldonado:

[...] a náutica e a territorialidade que viabilizam a orientação dos pescadores são habilidades, percepções e atitudes construídas no aprendizado social e na familiaridade com a natureza. Essas se desenvolvem no espaço prático, o espaço marítimo, onde se expressam as noções que informam a visão do mundo e a organização produtiva dos pescadores simples. Esse acervo de conhecimentos práticos e de códigos simbólicos que viabiliza o zoneamento sazonal do mar tanto para fins de organização da jornada de trabalho como para fins de territorialidade [...] (MALDONADO, 1994. p. 99).

Em Laguna, observamos a pesca na Lagoa do Santo Antônio dos Anjos e no canal que liga esta ao mar. Nelas, questões análogas às encontradas por Simone Maldonado podem ser identificadas. Os pescadores fazem mapeamentos da lagoa. Sabem dos lugares onde encontrar o peixe, são conhecedores da geografia submersa da lagoa e também de suas margens. Traçam caminhos pelas águas para terem acesso aos “locais de pesca”. O canal que liga a lagoa ao mar também é bastante explorado e mapeado pelos pescadores. No canal existem (assim como na lagoa) vários “locais de pesca”.

Os “locais de pesca” são conhecidos pelos pescadores e transmitidos de forma oral. Vários “locais de pesca” nos foram referenciados com seus respectivos nomes, como a Toca da Bruxa e a Tesoura, por exemplo.

Segundo os pescadores cada “local de pesca” tem suas “regras” de uso, são espaços limitados geograficamente e a quantidade de pescadores em cada lugar será delimitada pelo espaço que o próprio pescador irá ocupar. Em lugares dentro da lagoa se

teria espaço para um número específico de embarcações, da mesma maneira, onde se pesca sem embarcação, “regras” de uso são estabelecidas levando em consideração o espaço que ocuparia uma tarrafa e um pescador.

Geralmente, nos dois contextos funciona um sistema de “vagas” que devem ser marcadas pela presença do pescador no local da “vaga”. Cada pescador estaria em sua “vaga” esperando o momento devido para tarrapear, sendo obedecido um sistema de rotação entre as várias “vagas” em um mesmo “local de pesca”. Podem também serem feitas parcerias ou equipes que ocupam uma “vaga”.

Um “local de pesca” teria então algumas “vagas”, que podem ser preenchidas por mais de um pescador. Assim, uma “vaga” pode também ter uma rotação, uma fila de pescadores que esperam para tarrapear. Poderia se entender como um sistema de dupla rotação, uma dentro do próprio “local de pesca” e outra entre as “vagas”. Por serem lugares específicos, de abundância de peixe, esses locais também são frequentados pelos botos que ali encontram alimento.

Nesses lugares pode acontecer o encontro entre os pescadores e os botos, onde os dois “trabalham” por um mesmo fim e harmonicamente, sendo que o boto come, mas não é pego pela tarrafa (exceto em algumas vezes, acidentalmente, o que pode causar sofrimentos para os botos e para os pescadores). Nesses locais se pesca com ou sem o auxílio dos botos, porém, a sua presença é sempre muitíssimo bem-vinda. Sr. Latinha falou a respeito da pesca com e sem a presença dos botos:

“[...] ai a gente não tem o boto, ai a gente vai em outro lugar pegar peixe né? Ai tem umas pedras que é cheio de peixe, verdade, ali quando eu quero comer peixe bom, eu vou numa toca de pedra que tem ali.”.

“Quando tem boto tem mais peixe [...] ah, o boto ele é o seguinte, ele cerca assim, se tem filho o filho fica aqui, entende? Ele fica como bico assim ó, faz assim no peixe ó, e vai batendo no peixe, e vai juntando o peixe, quando o peixe tá numa bola, o filhote também ajuda, entende? Ai vai trazendo, trazendo, e a gente fica ali, nessa posição todo mundo pronto, é um cardume né? E a gente fica ali e de repente cai pra mim, ele bate em cima e aquilo já sai estralando.”.

Muitos são os “locais de pesca”, e as “regras” de cada local podem mudar. É interessante o quanto a noção de territorialidade que envolve a prática da pesca artesanal em Laguna pode incluir, no mapa de rotas e caminhos por entre as águas, elementos da

geografia, e também a companhia dos botos, que aprenderam a conviver com o pescador, assim como, os pescadores aprenderam a conviver com os botos.

Dessa forma, o imaginário do território das águas dos pescadores, ao qual conhecemos, estaria marcado pela relação com os botos. Os botos representam um elemento a mais nessa pesca, não sendo, porém, essencial. O pescador sabe dos acidentes, “buracos”, “pedras” onde se encontra o peixe. O pescador busca por esses locais em primeiro lugar.

Outra característica marcante na questão do território são os trapiches que são os locais onde os pescadores guardam a embarcação, geralmente as elevando com correntes e roldanas. Também outros equipamentos de trabalho podem ficar guardados no trapiche como redes e tarrafas, diversas armadilhas, fogo e gás para preparo de siri ou de camarão, enfim, diversos petrechos utilizados nas pescarias.

Esses locais são constituídos por um dique que vai da terra (geralmente próximo à casa do pescador) até certo ponto dentro da lagoa. No caminho do dique é construído um pequeno abrigo, que lembra uma casa, pois muitos têm portas e cadeados, assim como um telhado em uma ou duas águas. Muitos dos aspectos caseiros se reproduzem no trapiche. Além de a construção lembrar uma pequena casa, na parte interna, o gás e o fogareiro, as prateleiras e divisões, remetem a um ambiente caseiro.

O trapiche poderia se localizar no limiar entre “casa e a rua” (MATTA, da. 1997) se pensarmos que nos trapiches são reproduzidas muitas práticas que remetem a um ambiente de moradia. Segundo Roberta da Matta:

[...] a própria *rua* pode ser vista e manipulada como se fosse um prolongamento ou parte da *casa*, ao passo que zonas de uma *casa* podem ser percebidas em certas situações como parte da *rua*. (*idem*, 1997. p.98).

Em Laguna alguns bairros parecem se prolongar lagoa dentro (às vezes a partir quase que imediatamente das casas dos pescadores) por meio dos trapiches que desenham dentro da lagoa uma pequena cidade de palafitas. Nesse ponto, vale lembrar o que disse Antônio Carlos Diegues:

O particularismo da gente do mar se reflete, por exemplo, na forma de moradia nas cidades. Os pescadores costumam se concentrar em certos bairros, geralmente próximos aos portos de desembarque. (DIEGUES, 1983. p. 227).

Nos bairros onde a maioria dos moradores são pescadores, os trapiches são muito presentes. Eles são essenciais para que o pescador abrigue sua embarcação e demais petrechos. Os pescadores utilizam o local mais próximo da sua moradia, isso facilita o seu ir e vir diário para a pesca, uma vez que estes pescadores saem para pescar e voltam para a casa todos os dias.

3.2. Os locais de pesca.

Os “locais de pesca” são os lugares onde os pescadores costumam pescar devido a fatores como; a viabilidade de certa prática naquele local ou a maior facilidade de se localizar os cardumes e com a mais frequência.

Os “locais de pesca” se estendem pelas margens da lagoa do Santo Antônio dos Anjos onde podem se encontrar com bairros (muitos dos quais residem os pescadores), no canal que liga esta ao mar ou em lugares mais afastados da cidade e das moradias, em partes mais centrais ou distanciadas da lagoa (em relação à cidade). Nas margens da lagoa é comum que se pesque com tarrafa sem o uso de embarcações, o contrário não é possível nos “locais de pesca” localizados no interior da lagoa.

Um “local de pesca” seja nas encostas d’água, seja lagoa adentro, mais do que uma região física, é um lugar onde se estabelecem relações, lugar onde historicamente se desenvolvem identidades. Pode-se pensar em um “local de pesca” nos termos sugeridos por Marc Augé (2012) como um “lugar antropológico”:

Reservamos o termo “lugar antropológico” àquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja. [...] o lugar antropológico, é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa. (AUGÉ, 2012. p. 51).

Os pescadores se referiam aos “locais de pesca” como lugares que faziam parte de seu trabalho e sua vivência cotidiana. Podemos observar as mais diversas interações em locais como a praia da Tesoura. Ouvimos dos pescadores as modificações que essa sofreu ao longo dos anos, relacionadas desde a extinção de circulação de carros na areia, a proibição das bancadas que punham o pescador em lugares mais profundos do canal até os relatos de acontecimentos fantásticos que dariam o nome de Tesoura a praia quando os pescadores atribuíam origens imaginárias. Segundo Marc Augé: “Esses

lugares têm pelo menos três características comuns. Eles se pretendem (pretendem-nos) indenitários, relacionais e históricos” (*idem*. p. 52).

Apresento a seguir alguns “locais de pesca”, esses foram escolhidos por terem sido bastante referenciados pelos pescadores. Também, devido a maior intimidade com eles. Em um primeiro momento, estive nesses lugares na companhia das colegas do núcleo de pesquisa (sobretudo com Fátima Iino). Em um segundo momento, estive desacompanhado em apenas alguns desses lugares.

Nenhum dos locais de pesca que apresento está situado na parte interna da lagoa. Além disso, a quantidade de locais deve ser bem maior do que a que se apresentou nas falas das pessoas, tendo como quase certeza que não ouvimos falar de todos os locais de pesca. Trago ao texto alguns “locais de pesca” para descrever, minimamente, os cenários, suas localizações em relação à cidade ou a lagoa e suas regras de uso.

Arrebentão.

O Arrebentão é um bairro onde moram bastante pescadores, está localizado às margens da lagoa. No Arrebentão existem alguns trapiches, mais de uma dezena que parecem prolongar o bairro para dentro da lagoa. Nesse local se pesca por água nas partes mais rasas. Nesse caso, o pescador entra com a água batendo dos joelhos até a cintura. As embarcações podem pescar nas partes mais profundas da lagoa.

Sr. Alencar, que encontramos por coincidência e que mora no bairro nos explicou que o pescador que faz uso de embarcações, por facilitar a prática, não pode dividir o espaço com um pescador que esteja sem embarcação, dentro da água, isso seria desleal, por isso o pescador embarcado deve pescar mais para dentro da lagoa.

Areal.

O Areal também é um bairro onde moram muitos pescadores. Existem no bairro inúmeros trapiches. No Areal a presença dos trapiches é impressionante, os inúmeros trapiches parecem tomar a forma de uma comunidade, parece reproduzir outro bairro nas margens da lagoa. A vizinhança entre os trapiches lembra pequenas ruas onde prédios se amontoam. Uma pequena cidade de casinhas de madeira, em cima paus fixados dentro da água.

Toca da Bruxa.

É um local de pesca um pouco afastado da cidade, para se ter acesso a ele é preciso atravessar o Terminal Pesqueiro Público de Laguna. Na Toca da Bruxa se pesca sem embarcações em quatro “vagas” e embarcado sem delimitação de “vagas”, porém, uma embarcação não pode ficar sozinha em alguma “vaga”, marcando lugar, sem que tenha um pescador, ou seja, o pescador não pode deixar sua embarcação ocupando uma “vaga” enquanto não está presente no local.

Nesse local pescam profissionais da pesca e também pessoas que pescam por lazer. O fato de não ser pescador profissional e pescar pode algumas vezes causar má impressão entre a comunidade de pescadores que algumas vezes acusam os que pescam esportivamente de estarem pescando o fruto de um trabalhador. Porém jamais vi conflitos abertos, de modo geral, todos se relacionam, minimamente, de maneira amistosa.

Um rapaz que não é pescador profissional, que pescava com seu filho no local, nos falou ser a Toca da Bruxa um lugar menos disputado, menos competitivo em relação a outros “locais de pesca” como o da praia da Tesoura.

Ponta do Guia.

É um “local de pesca” onde os pescadores fazem uso de embarcações. Esta localizada às margens do canal que liga a Lagoa ao mar, assim como a Toca da Bruxa e a Tesoura, porém, se encontra na margem do lado sul do canal, ficando quase em frente à Toca da Bruxa na outra margem.

A ponta do guia é constituída de um filete de pedras que corta o canal no sentido oeste, encurralando a água em um canto da margem como nas construções de portos. Do final deste filete em direção a margem é onde ficam os pescadores em suas embarcações. É um local onde se pesca somente embarcado.

Na Ponta do Guia vimos bastante movimento dos botos e um surpreendente espetáculo de paciência que nos mostrou um pescador que permaneceu por horas no mesmo local, parado, ora consertando alguma “arte de pesca”, ora tarrafeando. Dentro de sua canoa fez suas refeições.

Molhe.

O molhe em Laguna é um lugar bastante movimentado por pescadores, por turistas ou pessoas da cidade em busca de lazer como fazer churrasco. Também é um

“local de pesca”. Dependendo das condições climáticas, os pescadores que costumam pescar na praia da Tesoura, migram para o molhe a fim de viabilizar a pesca.

Pode-se tarrapear de cima das pedras do molhe lançando a tarrafa em direção ao canal ou contra a arrebentação das ondas, nessas circunstâncias o pescador terá de tomar cuidado ao retirar a tarrafa da água para evitar que ela fique presa às pedras.

Sr. Rogério, em uma conversa informal na praia da Tesoura, disse que se pode pescar com tarrafa no final do molhe onde existem quatro pedras, que demarcariam quatro “vagas” (neste local os pescadores estão tarrapeando nas águas do canal). Do ponto mais alto do molhe, ficaria uma pessoa que faria o papel de “vigia”, esse ao ver a aproximação de um cardume avisa com um grito a seus companheiros o momento correto para lançar a tarrafa.

Tesoura.

A pequena praia da Tesoura se encontra na parte final do canal, no início do molhe, ficando de costas para a praia do mar grosso e voltada para o canal. É um local bastante morfológico, dependendo das condições climáticas a faixa de areia em alguns pontos ou em toda a extensão da praia pode alagar, tornando inviabilizado o local para a prática da pesca. A praia se torna inviável à pesca com tarrafa não tanto pelo fato de a praia ficar alagada, mas sim pelas condições do clima que a fizeram com que ela alagasse (as marés e os ventos). O vento soprado de sul dificulta o lançamento. Na Tesoura se arremessa a tarrafa nessa direção, com a força contrária a rede pode não abrir adequadamente.

A praia, enquanto um “local de pesca” se inicia desde o leste a partir de um barranco formado devido à construção do molhe, se estendendo para oeste até um filete de pedras que marca um segundo espaço e divide a Tesoura em duas partes (Como se existisse um lado A e um lado B). Da primeira pedreira até o segundo filete de pedras (lado A) existe sete “vagas”. A partir do segundo amontoado de pedras (lado B) se pesca sem limitação exata de “vagas” obedecendo às mesmas “regras” de uso do outro lado (A). A segunda parte é menos disputada pelos pescadores, por isso as regras de uso do espaço podem ser relativizadas.

A Praia Tesoura se encontra em um espaço público. Esse aspecto a torna bastante singular se comparado aos outros locais de pesca. A praia é constantemente movimentada por turistas ou pessoas de Laguna que não são pescadores. Esses outros

atores ocupam a praia de forma mais intensa nos finais de semana, no verão e na época da tainha. Na Tesoura foi onde mais de perto acompanhamos a pesca com os botos.

Na Tesoura os pescadores se encontram com as pessoas de fora da pesca. Muitas pessoas procuram comprar peixes no local, diretamente com o pescador, o peixe pode sair da tarrafa e ir diretamente para as mãos da pessoa que compra, incrivelmente fresco, uma mercadoria bastante exclusiva.

Nos dias de grande movimentação de pessoas que não pescam, se vê além da pesca uma espécie de *feira do peixe*, os pescadores aproveitam essa ocasião para vender o pescado. É comum que se traga peixes capturados em outro local para venda na Tesoura. Sr. Inácio, que me ensinou sobre as comercializações, disse ser muito vantajoso vender o peixe na Tesoura. Que quando se vende o peixe diretamente a alguém se pode cobrar um preço maior do que o que pagariam os atravessadores que compram em grande quantidade para depois devolvê-los ao mercado.

O peixe na Tesoura acaba sendo mais caro para quem está comprando (em relação ao que se paga no mercado). Porém o fato da especificidade do pescado, peixe fresco, vivo e também o fato de as pessoas assistirem os botos que brincam e “trabalham” com os pescadores compensa esse valor. Comprar peixes na praia da Tesoura pode se tornar um passeio descontraído.

Trata-se de lazer para quem compra. Um espetáculo com as tarrafas formando nuvens de nylon no ar e logo em seguida desenhando anéis sequenciais na água. Os peixes estão amontoados na areia e os botos se exibindo, saltando, parecendo que sabem que estão sendo apreciados. Os dias de *feira* representam uma boa oportunidade para o pescador vender seu peixe.

3.3. A tainha e o parati: os principais pescados.

Segundo me disseram alguns pescadores na praia da Tesoura, como Sr. Rogério os pescados de maior relevância em termos de mercado para o pescador de tarrafa em Laguna são o parati e a tainha. A tainha além de importante pescado para o mercado carrega em sua relação com a sociedade uma série de valores tradicionais. O parati, apesar de não ser tão procurado e valorizado é bastante capturado e comercializado.

A tainha e o parati são bastante semelhantes e é comum que se confundam as espécies. O parati é um peixe menor, mas, muito semelhante a tainha, grosso modo, geneticamente os dois peixes são de espécies diferentes, mas, pertencem a mesma

família (*Mugilidae*). O parati é facilmente confundido com uma tainha jovem, porém, apresenta algumas diferenças no corpo que os distingue do “virote” (tainha jovem). As duas espécies são capturadas em regiões e circunstâncias também semelhantes o que contribui para a confusão entre os dois pescados.

Instigado pela dúvida da diferença entre os dois peixes perguntei ao Sr. Nica que encontrei nas areias da tesoura com uma enorme corvina. Sr. Nica me disse que nessa época (estávamos no mês de fevereiro) estão pescando mais parati, perguntei a ele como reconhecer e não confundir o parati com a tainha. Mostrando um parati ele me apontou uma mancha amarela bem salientada que existe na cabeça, abaixo dos olhos, próximo às guelras do peixe. Também disse que o parati tem o corpo mais “afinado” em comparação ao da tainha jovem.

Sr. Rogério também me falou sobre as principais características que diferenciam a tainha e o parati, mostrou uma mancha amarelada na região da cabeça de um parati e disse: “esse é o parati ou amarelinho como a gente chama”. Sr. Rogério me falou ser um peixe que tem “menos carne” do que a tainha, porém, é bastante apreciado, segundo Sr. Rogério o parati “é bom pra comer frito”, também disse ter um sabor semelhante ao da sardinha.

Fora da época da tainha pude acompanhar a pesca do parati. Na praia da Tesoura a organização do espaço funcionava da mesma forma que na pesca da tainha, os pescadores obedecendo às regras das “vagas” e da “vez” do lanço, com ou sem a presença dos botos, esperando, é claro, que algum ou vários deles apareçam. As regras de uso do espaço eram bastante relativizadas em dias de menor movimentação de pescadores na praia ou de tempo adverso.

O parati também é comercializado na praia da Tesoura, na areia vivo, porém, tem um valor bastante inferior ao da tainha. No verão (no mês de fevereiro) pude ver um pescador comercializando paratis, peixes vivos saídos da tarrafa, vendidos da mesma da mesma maneira como fazem os pescadores na comercialização da tainha. Ele tinha a mostra um monte de cerca de oito ou dez paratis e os vendeu a um casal por um preço muito barato se comprado aos preços das tainhas nos dias de *feira* que acontecem na época da tainha Na negociação rápida ele vendeu todos os peixes por R\$15,00. Neste

dia ⁴ (um final de semana) havia uma quantidade significativa de pescadores oferecendo peixes em balcões de venda improvisados e se realizavam algumas comercializações. Mesmo sem “tarrafadas” extraordinárias e peixes de grande estima, havia bastante movimentação na praia.

A tainha é um peixe de muito maior valor no mercado e bastante importante para o pescador de tarrafa. No inverno entre os meses de maio junho e julho acontece a época ou a safra da tainha e o pescador de tarrafa em Laguna receberá pessoas a procura do peixe. As tainhas apresentam diferenças entre si que estão relacionadas a fatores como a migração e a idade do peixe.

Sr. Rogério me esclareceu questões relacionadas à tainha e ao “facão”. “Facão” é como chamam os pescadores às tainhas que vem de fora da lagoa do Santo Antônio dos Anjos. Cresceram no mar e estão migrando, devido à migração seu corpo é magro e os músculos mais enrijecidos, o que diferencia os “facões” e tainhas no tamanho e no sabor. Segundo Sr. Rogério o “facão” pode ser bastante saboroso quando ele está “gordo” com “gordura na carne”, que assim a carne não seria “seca” e o facão seria gostoso. Segundo ele o “facão” ruim é aquele bastante magro “chega a ter o lombo preto”, esse sim seria um peixe ruim quanto ao sabor.

Os “facões” são maiores do que as “tainhas” (como se referem os pescadores ao mesmo peixe, porém menor e mais robusto, que nasceram e cresceram nas águas calmas da lagoa), mas segundo os pescadores menos saborosos. Os “facões” representam um bom pescado quanto à comercialização, seu tamanho conquista os clientes e, como comi “facões”, a carne me pareceu muito saborosa. “Facão” é tainha também. A captura e venda da tainha é significativa em termos econômicos e simbólicos, sejam “facões” ou “tainhas”.

As tainhas ovadas são bastante procuradas. O fato de conterem as ovas atribui um valor simbólico à tainha. Apesar de serem mais procuradas para a compra, segundo os pescadores, as tainhas ovadas são menos saborosas. As tainhas mais valorizadas pelos pescadores podem ser a menos valorizadas pelos clientes. Um “facão” enorme pode exercer um fascínio muito maior do que uma “tainha” de menor tamanho, mesmo

⁴ 05 de fevereiro de 2017.

que, quem mais conheça o peixe diga que não seja o mais saboroso. A tainha é sempre um peixe valorizado no litoral e procurado durante o período da sua captura.

A época da tainha, não é somente significativa porque os peixes da lagoa estão maduros, mas também porque as tainhas estão em processo migratório, e irão entrar em locais como a lagoa do Santo Antônio dos Anjos, no rio Gravataí, no rio Mampituba, nas praias de Florianópolis ou na Lagoa do Peixe, para citar exemplos do sul do litoral brasileiro.

Ela seguirá ainda seguira rumo ao norte e por isso se costuma falar da época ou safra da tainha. Junto com a migração da tainha existira outra, de pequenos pescadores para a pesca da tainha. Assim, a tainha será procurada nessa época e provocará mobilizações de diversas naturezas para a sua pesca. Gioconda Mussolini diz o seguinte sobre a pesca da tainha:

Não creio que exista no Brasil pesca mais generalizada e que provoque maior interesse que a pesca da tainha [...] A pesca da tainha movimentava o litoral do Rio Grande do Sul ao Pará (MUSSOLINI, G, 1980. p.236).

Segundo Mussolini, as práticas relacionadas à pesca da tainha “peixe cuja pescaria, além de constituir denominador comum na cultura litorânea, tem atrás de si toda uma série de práticas tradicionais que ilustram o tipo de organização da pesca caracteristicamente local” (*idem.* p. 233-234.). Mussolini diz existir “um tráfego especial para essa pescaria” (*idem.* p.261) e reforça que muitos fatores subjetivos estão relacionados aos deslocamentos para a pesca da tainha.

O motivo dessas longas “caminhadas” não é tanto o lucro que possa advir, mas a emoção de apanhar e ostentar os primeiros peixes da temporada. É verdade que nessa ocasião aproveitam-se os cercadores de tainhas para apresenta-las ao “mercado” pelo preço mais elevado que este chega a atingir. (*idem.* p.266).

Durante a pesquisa, nos meses de inverno, foi muito comum vermos pescadores não profissionais procurando a pesca da tainha apenas pelo gosto e a vontade de pescar o peixe. Muitos se deslocavam de municípios próximos e às vezes chegam a ficar meses em Laguna pescando. Geralmente são pessoas que ou estão de férias de seus trabalhos ou são aposentados, não vivem da pesca.

Por outro lado, vimos muitas pessoas pescando na época da tainha para complementar sua renda. São pessoas como o rapaz Cassiano que possui carteira de

pesca, mas disse pescar com mais intensidade na época da tainha. Durante o restante do ano ele costuma ter outras ocupações. Em casos assim, os pescadores, tendo ou não a carteira de pesca, são pescadores com destreza e experiência, conhecedores da pesca com tarrafa, são na maioria pescadores artesanais profissionais.

3.4. Relações com o mercado.

Na pesca artesanal a questão da comercialização torna-se uma problemática na medida em que, na maioria das vezes, não são os próprios pescadores os responsáveis pela comercialização direta do pescado, ou seja, que dependem de atravessadores para que seu produto chegue ao mercado. Segundo Simone Maldonado:

Os pescadores autônomos ou, ou artesanais, mantêm laços frouxos com o mercado de pescado, relacionando-se com ele através de intermediários, com quem tendem a estabelecer relações fortes e tensas. (MALDONADO, 1986. p. 51).

Em Laguna, as referências aos atravessadores foram feitas por vários pescadores. Em campo conhecemos também algumas pessoas que se dedicavam a essa tarefa. Os pescadores vendem seu pescado aos que chamam de “bombeiros” com bastante frequência. Não foi vista uma relação de dominação ou de conflito aberto, porém, vender o pescado a algum “bombeiro” não é a melhor alternativa para a comercialização, isso pelo baixo valor que geralmente é pago pelos atravessadores.

Os pescadores referiram-se ao fato de vender o peixe aos atravessadores como algo negativo, porém, eles representam um mercado. O fato de se vender o pescado a esses agentes se deve, entre outros fatores, a forma como os pescadores atuam, em áreas e horários que impedem uma maior fluidez com o mercado, além do fato de o pescado ser um produto ao qual se deve vender quase imediatamente após a captura, pois pode rapidamente perecer. Segundo Simone Carneiro Maldonado:

O tempo de trabalho dos pescadores e a sua presença em terra para comercializar o peixe não se orienta de acordo com os padrões dos negócios ordinários, mas em termos de jornadas que dependem, por sua vez, dos hábitos das espécies, das condições do tempo e da tecnologia utilizada [...] a perecibilidade do produto, como já foi dito vem repercutir sobre o ritmo de comercialização e sobre as possíveis vias de acesso ao mercado. (*idem*. p.51).

Os “bombeiros” ou mesmo a indústria da pesca que existe em Laguna, porém, não representam os únicos mercados para a venda do pescado, uma vez que os próprios pescadores (podendo ou não contar a com a ajuda do trabalho familiar) muitas vezes vendem peixes a clientes diretamente ou vendem produtos feitos a partir do preparo de alguns pescados.

Os pescadores podem ter uma clientela composta por pessoas conhecidas e acostumadas a comprar com eles ou então podem vender produtos aos restaurantes da cidade. Alguns pescadores processam siri e camarão, por exemplo, que necessitam em alguns casos de certo preparo antes da comercialização. Da mesma forma, congelar o pescado, sobretudo o peixe em casa e vender a próximos ou mesmo a atravessadores em momento posterior é uma alternativa bastante usada.

A *venda direta* do pescado, que pode se dar entre a vizinhança, ou na praia da Tesoura sempre é uma melhor alternativa. A pessoa que compra não tem a intenção de lucrar com o trabalho do pescador, não procura o mínimo preço possível para transformar o pescado em capital. A venda direta a alguém que irá apenas consumir o peixe sempre dará maior protagonismo e autonomia ao pescador, assim ele pode lucrar mais, sem a interferência de terceiros.

Em Laguna acompanhamos muitas comercializações que se realizavam na praia da Tesoura, onde as pessoas compravam os peixes vivos, que muitas vezes acabavam de sair das malhas da tarrafa. Esse tipo de venda significa para o “pescador de tarrafa” uma ótima oportunidade de vender o pescado sem a interferência de atravessadores. Assim pode valorizar mais o pescado e o seu trabalho.

3.5. A valorização do pescado na praia Tesoura.

A valorização do pescado na praia da Tesoura será estabelecida a partir de alguns pressupostos que determinam o valor de qualquer mercadoria e algumas leis do mercado atuando em conjunto com elementos tradicionais de valorização e comercialização. Será determinante o tempo de trabalho que o pescador sabe que se refere ao próprio dispêndio de sua energia intelectual e física para a produção de um bem útil a outro.

Deve-se levar em consideração as especificidades do próprio pescado e as práticas socialmente construídas de valorização e comercialização. O pescado sofrerá um processo que lhe dará caráter de mercadoria, o que o pescador faz na sua *arte comercial*.

Será determinante a especificidade do pescado comercializado na praia da Tesoura: o peixe pode estar vivo; pode ter acabado de sair das malhas da tarrafa, também a sazonalidade dos diferentes pescados (muitas espécies são capturadas em uma época apenas do ano, como a tainha). Deve-se também levar em consideração o proposto por Gioconda Mussolini (1980) sobre as especificidades, sentimentos e deslocamentos que envolvem a pesca da tainha.

Pode-se considerar que as práticas de valorização do pescado se constituam mesclando elementos tradicionais com elementos da economia de mercado. Uma espécie de mistura entre concepções holísticas e capitalistas parece orientar o processo de valorização do pescado, que também, não deixa de ser a valorização do próprio trabalho do pescador.

A partir do momento em que o peixe ganha condições de ser trocado por dinheiro (quando o pescador faz do pescado uma mercadoria) a valorização também obedecerá a um sistema local e socialmente construído que atribui preços, e que estipula um sistema comum de comercialização do pescado. Deve-se também, levar em consideração as especificidades que já tem o pescado e a comercialização do peixe na Tesoura, feita diretamente às mãos do cliente, onde o peixe está vivo, ou bastante fresco.

A pesca e a comercialização do pescado acontecem dentro de um contexto urbano e de uma sociedade economicamente industrializada e politicamente organizada de forma capitalista. Por mais específico e localizado que seja o pescado, o valor obedecerá a algumas leis do mercado. O pescador produz e distribuiu mercadorias. Segundo Marx:

A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de um tipo qualquer. A natureza dessas necessidades – se, por exemplo, elas provêm do estômago ou da imaginação – não altera nada a questão. Tampouco se trata aqui de como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente como meio de subsistência [*Lebensmittel*], isto é, como objeto de fruição, ou indiretamente, como meio de produção. (MARX, Karl, 2017. p 113.).

O pescador vai ter de criar condições para a venda. Ele tem de fazer do pescado um bem que possa ser cotado pela equivalência em dinheiro e que satisfaça o desejo ou às necessidades de alguém “Para produzir mercadoria, ele tem de produzir não apenas valor de uso, mas valor de uso para outrem, valor de uso social” (*idem*. p. 119).

O peixe, saído das águas, não está cotado em nenhuma moeda. Seu preço tem de ser forjado, o que acontecerá no momento da comercialização. Por isso se faz importante entender como ela acontece. Para que o peixe entre em processo de circulação e ganhe valor de troca os pescadores combinam peixes de diferentes tamanhos. Quando o pescador combina os peixes ele transforma o pescado em mercadoria.

Sr. Inácio me explicou como se estabelece o valor do peixe nas combinações. Segundo ele, o valor de cada peixe é determinado pelo tamanho: “peixes de dez, vinte, trinta reais”. Isso porque os pescadores não estão vendendo o peixe por quilo, não estão fazendo uso de balanças. Está prevista pelo pescador que a comercialização se dará a partir da negociação discutida entre as partes que tem de chegar a um consenso.

A combinação é o que torna possível o acordo e a comercialização. O pescador teria determinados peixes, a partir de suas propostas e das escolhas do cliente vão sendo selecionados alguns. Dessa forma, em diálogo com o consumidor, o pescador constrói as combinações, os peixes selecionados são a mercadoria, o bem consumido por seu cliente.

Dessa forma, também, o pescador controla os peixes que vende, evitando que um cliente leve de uma vez os peixes mais valorizados por um preço ínfimo em uma combinação. Terá maiores possibilidades de distribuir os peixes de menor valor da mesma maneira que os de maior valor. A combinação dá ao pescador controle sobre a comercialização. Digamos que um cliente decidisse levar três tainhas, uma de R\$ 10,00, outra de R\$ 20,00 e outra de R\$ 30,00 que na soma total daria R\$ 60,00. Com a combinação, esse preço pode ser relativizado, negociado entre as partes. Sr. Inácio me explicou que um peixe “compensa o outro” no momento da venda, o pescador, que com o desconto perderia R\$ 10,00, na verdade não perde, porque R\$60,00 é um valor não objetivo.

O pescador pesca visando à venda e está prevendo que o tempo de espera para uma “tarrafada”, dentro da água fria, em pé, segurando por volta de cinco quilos de chumbo, o próprio desgaste de seu corpo, seu dispêndio de energia, ou seja, o tempo que reservou para a prática será levado em consideração no momento da valorização do pescado. Segundo Marx:

Tempo de trabalho socialmente necessário é aquele requerido para produzir um valor de uso qualquer sob as condições normais para

uma dada sociedade e com o grau social médio de destreza e intensidade do trabalho. (*idem*. p. 117.).

O tempo de trabalho aparece ofuscado, mas ele se torna bastante claro e coerente quando se presta atenção à comercialização do pescado. Sr. Inácio me explicou como se estabelece o valor, determinado pelo tamanho: “peixes de dez, vinte e trinta reais”, e que quando combinados na venda “um peixe compensa o outro”, o que significa que para o pescador, todos os peixes tem um único valor. A mesma performance, o mesmo esforço físico e intelectual é utilizado para pescar peixes grandes ou pequenos. Em uma “tarrafada” se pode capturar peixes dos mais variados tamanhos, se pode capturar vários peixes ou nenhum.

Não se pode afirmar que o tempo de trabalho por si só seja levado em consideração pelo pescador na valorização do pescado e, conseqüentemente, do seu trabalho. Faz sentido se for pensado junto ao saber técnico e inventivo do pescador. O saber-fazer dentro de uma quantidade de tempo necessária para que esse saber-fazer produza, crie algo novo.

Tempo de trabalho e o próprio saber-fazer aparecem imbricados e são levados em consideração na valorização do pescado e do trabalho do pescador, assemelhando-se ao trabalho do artesão ou do alfaiate onde o saber é ao mesmo tempo fazer e para fazer é preciso saber. Saber-fazer leva tempo e agrega valor ao que foi criado. Sr. Inácio espera com paciência o momento ideal de lançar a tarrafa, espera também um cliente e sabe combinar ou até mesmo concertar o peixe para “agradar” quem compra. Sr. Inácio, assim como cada pescador que vimos vendendo seus peixes, sabe como dar valor ao que faz.

Não existe um valor específico do peixe e nem da combinação. O valor e a quantidade de peixes que será vendida dependerão muito do modo como foi realizada a comercialização. Vimos pescadores, e equipes de pescadores fazendo combinações que chegavam as voltas de R\$100,00, sobretudo, nos fins de semana da época da tainha quando acontecem muitas comercializações na praia da Tesoura.

3.6. A comercialização da tainha na praia da Tesoura.

A particularidade da Tesoura que mais a destaca de qualquer outro “local de pesca” é o fato de ser a praia um lugar público. Acaba sendo também um lugar turístico.

No verão os banhistas ocupam as águas da praia da Tesoura, assim como admiram a pesca e o bailar dos botos. Na tesoura é possível acompanhar de perto os botos trabalhando junto aos pescadores. As pessoas podem aproximar-se, inclusive, dos golfinhos, fotografa-los e fazer filmes. A praia da Tesoura, por conta disso, acaba sendo ocupada (sobretudo no verão e finais de semana) por diferentes atores sociais.

A praia está localizada às margens do canal que liga a lagoa do Santo Antônio dos Anjos ao mar. Os pescadores se posicionam em alguma das “vagas” existentes nas margens do canal, virados de costas para a areia, paralelamente a longitude do canal. Os pescadores pescam com o auxílio dos botos com grande intensidade no local. Os pescadores podem ficar horas esperando dentro da água até que um ou vários botos apareçam na praia.

Quando o boto está na praia todas as atenções se voltam para ele. Se os pescadores estão fora da água saem correndo para o canal se pondo cada um na “vaga” que já estava reservada para si. Nesse momento acontece uma grande correria em direção à água. É sensível nesse momento um grande clima de expectativa entre os pescadores e também entre os espectadores.

Assim como os pescadores correm em direção ao canal, as pessoas que não estão na areia, sejam pescadores, sejam turistas, param o que estão fazendo e direcionam sua atenção para os pescadores e os botos. Várias “tarrafas” podem disparar em sequência, obedecendo à “vez” e à “vaga” de onde o boto cercou algum cardume. Os pescadores ficam esperando um movimento correto do boto que indique um cardume. Quando se sabe o momento correto de lançar a tarrafa, várias podem ser lançadas.

Os lanços são perfeitos, as tarrafas se abrem em um círculo exato, caem de forma suave na água desenhando um anel na água onde se tem a impressão de poder contar cada chumbo que cai, quase de um em um. Ouve-se um som seco e rápido. Depois de tanta espera, tudo acaba rápido. Os botos passam provocando enorme agitação, e se vão.

Quando os pescadores trazem peixes para a areia, as pessoas se aglomeram ao redor dos peixes recém-capturados e, logo no momento da despesca, já podem acontecer comercializações. A presença das pessoas de fora, que compram o peixe ou apenas apreciam a pesca, sobretudo na época da tainha, motiva uma grande movimentação. Na

época da tainha a praia se torna bastante frequentada por pescadores e pessoas que não pescam, mas estão ali para comprar peixes. Nessa época as pessoas de Laguna e de fora da cidade (de municípios vizinhos) costumam procurar a Tainha.

Pescadores que não pescam na Tesoura podem pescar apenas durante a época da tainha justamente pelo ganho que se tem com as comercializações. Também pescadores que não pescam o ano inteiro, trabalham na construção civil, por exemplo, aproveitam a ocasião para pescar e vender tainhas. As pessoas que não vivem da pesca, pescam esportivamente, (segundo os pescadores de Laguna “pescador de barranco”) também procuram a pesca da tainha.

Na época da tainha é comum se agruparem os pescadores em “equipes” para otimizar a captura e a venda do peixe, explorando as potencialidades de cada pescador. Assim, por exemplo, enquanto um bom tarrafeador, jovem e forte pode ficar na água capturando os peixes, o companheiro de equipe, que pode ser mais frágil, menos habilidoso com a tarrafa ou melhor negociador fica na areia realizando as comercializações.

Os pescadores (organizados em equipes ou por conta própria) cuidam ir “matando” o peixe (pesca-lo), trazendo-os para as areias e separando-os para a comercialização. Os peixes ficam expostos em balcões improvisados que podem ser compostos por alguma caixa de plástico, os velhos bancos abandonados (como os quais os pescadores tinham acesso a lugares mais profundos do canal ates de proibido seu uso), às vezes apenas em uma taboa no chão ou mesmo na areia da praia. Os pescadores oferecem os peixes às pessoas que circulam e observam a pesca. Eles sabem receber bem os potenciais clientes.

Alguns pescadores demonstram ser excelentes vendedores como Sr. Inácio e o rapaz Cassiano. Enquanto Sr. Inácio conserta os peixes para valorizar seu produto ou sua estima perante a pessoa que está comprando, segundo ele “para agradar o cliente”, Cassiano faz um tipo brincalhão, o tempo todo provoca risadas de seus colegas e chama a atenção das pessoas “ó o peixinho moça” (Cassiano).

Na época da Tainha, na praia da Tesoura, as comercializações criam um clima extremamente dinâmico. O movimento de pescadores entrando na água e saindo com “tarrafeadas” com mais de 40 tainhas enormes (por exemplo) causa um murmúrio na

areia. No ato da despesca já se vendem a maioria dos peixes capturados. Ouve-se gritos entre os pescadores, risadas, comentários feitos pelos pescadores ou pelos turistas a respeito dos botos, uma cacofonia. Comercializações de peixes vivos vão acontecendo a todo o tempo, muitas pessoas circulam pelas areias, seja para comprar peixe, seja para assistir a pescaria.

Com os peixes expostos e a pesca acontecendo a todo o instante com a o auxílio dos botos a praia ganha uma movimentação bastante intensa. O clima se torna envolvente, contagiante em astrais. Tem-se a sensação de estar em uma feira popular. Nesses dias a praia está obedecendo a outra dinâmica e os pescadores estão utilizando também diferentes performances. Podemos ver no “pescador de tarrafa” um *artista de múltiplos talentos*.

Para Michel de Certeau em *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer* (2014) os sistemas sociais estariam organizados, em primeiro momento, a partir dos lugares de poder. As elites seriam responsáveis, em primeiro momento, pela organização de um sistema social. As classes populares agiriam de maneira a tentar fazer com que o que lhes é imposto seja submetido as suas decisões em um esforço inventivo.

Michel de Certeau chama de “estratégias” (CERTEAU. 2014. p. 93) as ações que organizariam a sociedade a partir dos lugares de poder e de “táticas” (*idem, ibidem.*) as ações cotidianas que põem, de alguma forma, as condições postas a favor dos que não ocupam uma posição de poder. Segundo Certeau:

As estratégias são, portanto, ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram sistemas teórico (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem [...] as táticas apontam para uma hábil *utilização do tempo*, das ocasiões que apresenta e também do jogo que introduz nas fundações de um poder. (*idem*. p.96).

A partir desse encontro dos pescadores com as pessoas de fora da pesca é que surge a oportunidade de se vender o pescado na praia da Tesoura. O único “local de pesca” onde podemos ver pescadores vendendo peixes. As vendas e a pesca acontecem na Tesoura durante o ano inteiro. Ganham um caráter muito diferente na época da tainha. Nessa época os pescadores usam intensivamente o local para pesca e para a venda do pescado. As tainhas são muito procuradas, e as condições em que acontecem a sua comercialização agregam muito valor ao pescado.

Nos dias de final de semana na época da tainha podemos ver o “pescador de tarrafa” atuando com protagonismo, burlando os preços do mercado, criando o seu próprio mercado, valorizando ao máximo seu saber-fazer. O encontro com outros atores sociais na praia da Tesoura e a comercialização do pescado mostra a face de vendedor que assumi o pescador nesses momentos de *feira do peixe*.

A tesoura é uma praia onde todos podem circular ou até mesmo se banhar, é onde o turista encontra os botos e leva seus filmes e fotografias dos golfinhos para casa. Os pescadores aproveitam a época da tainha para usar seu conhecimento para lucrar com a pesca e a venda do peixe. Nessas ocasiões o pescador se torna protagonista e dita o ritmo da trama social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A pesquisa tentou mostrar o quanto, em um primeiro momento, a pesca artesanal em Laguna encontrara paralelos em outras regiões do país. Como se o trabalho na pesca e o envolvimento com o meio de onde retiram seu sustento marcassem as pessoas na imaginação, no corpo e nas apropriações e usos dos espaços.

Depois, o quanto se pode distinguir o pescador que pesca com a tarrafa em Laguna como um tipo particular de pescador. Um tipo específico de pescador, localmente situado. Que pesca apenas com a tarrafa e se identifica com tal pescaria. Foi comum ouvir em campo os pescadores referirem-se como “pescador de tarrafa”. A prática da pesca relacionada ao uso deste instrumento revelou sutilezas técnicas, econômicas, simbólicas, hierárquicas e identitárias.

Ser “pescador de tarrafa” é algo que implica, antes de tudo, em uma relação do pescador com o próprio instrumento de trabalho. Cujo uso correto, o pescador irá aprender durante a prática continuada. A pesca com tarrafa mostra o quanto podem ser flexíveis às noções que se tem sobre a pesca artesanal. O pescador que usa unicamente a tarrafa como instrumento de captura pode ser um profissional da pesca que exerce ao mesmo tempo ou em apenas uma época do ano (como na safra da tainha) a atividade pesqueira (enquanto fonte de renda).

Os pescadores se identificam com a prática. Além de se denominarem como “pescador de tarrafa”, hierarquizam as performances e as comentam criticamente. Os pescadores sentem prazer pela pesca com tarrafa; quando se sente o peixe se debatendo na malha da rede ou quando se obtém uma grande captura em um só “lanço”, como nos disseram. Além disso, é apenas o “pescador de tarrafa” aquele quem pesca com o auxílio dos botos.

O “pescador de tarrafa” está muitas vezes atuando em um ambiente restrito às águas calmas da lagoa do Santo Antônio dos Anjos, fazendo uso de pequenas embarcações que não são pensadas para entrar no mar. Nas margens da lagoa e do canal que a liga ao mar os pescadores atuam em locais públicos o que dá visibilidade a prática. A pesca com tarrafa aconteceu em Laguna, em muitos casos, em locais onde o espaço público se confunde com o espaço do trabalho da pesca. Em alguns locais no

centro da cidade é possível ver embarcações nas águas da lagoa. A pesca acaba sendo mais uma cor na aquarela que compõe o quadro da paisagem urbana de Laguna.

No molhe, e mais especificamente na praia da Tesoura, os pescadores de tarrafa além de serem atores visibilizados, interagem com as pessoas. As recebem, estabelecem diversas relações com as pessoas da cidade de Laguna e com os turistas. Em Laguna, a pesca com tarrafa é um ingrediente a mais na composição do espaço urbano e relacional.

O trabalho dos pescadores artesanais é, também, economicamente muito importante para a cidade, onde boa parte da população tem ocupações profissionais relacionados à pesca, Como disseram alguns pescadores “Laguna é terra de pescador”. Em Laguna existe uma indústria da pesca que se constrói em cima do trabalho do pescador artesanal. A produção dos pescadores artesanais, sejam embarcados no mar, sejam os pescadores de tarrafa, representa uma força econômica relacionada à produção da pesca em Laguna. A cidade é reconhecida regionalmente pela produção pesqueira, de Laguna sairão pescados para serem servidos em mesas, talvez, muito distantes das casas dos pescadores.

Na época da tainha os pescadores que pescam com tarrafa serão responsáveis pela captura de boa parte do pescado. A comercialização da tainha é economicamente significativa para o pescador, mesmo para aqueles que pescam somente nesta época. Entre os meses de maio a julho, muitas praias irão receber pessoas para comprar tainhas. Na praia da Tesoura, os pescadores irão encontrar oportunidade de vender seu pescado diretamente às mãos das pessoas. Sobretudo nos finais de semana, os pescadores transformam as areias em uma grande *feira do peixe* e isso representa um significativo ganho financeiro.

O trabalho na pesca pode não ser sempre “um mar de rosas” como disse Sr. Nivaldo. Por isso tentei destacar algumas tomadas de ações que podem ser pensadas como saberes inventivos que dão poder ao “pescador de tarrafa”. Modos de ação e tomadas de decisões de que podem utilizar os pescadores, atuando de maneira inteligente em uma sociedade que não se constrói pensando no bem estar das classes trabalhadoras.

A abordagem econômica feita leva em consideração a economia de mercado no que diz respeito à valorização do pescado, e assim, do próprio trabalho do pescador. Acredito que nessa pescaria, que acontece em um contexto urbano, em uma sociedade minimamente avançada em termos industriais, de divisão do trabalho, de moderna democracia e que segue os caminhos das transformações liberais globais, a valorização do pescado inegavelmente, terá de obedecer à força do sistema financeiro.

Tentei no texto mostrar que no momento da valorização do pescado os pescadores estarão conciliando maneiras tradicionais de valorização com maneiras apreendidas do sistema econômico-financeiro global. Tentei mostrar como os pescadores utilizam de recursos holistas e capitalistas para valorizar o pescado. O que significa valorizar o próprio trabalho.

Acredito que o que acontece nesse caso não seja incomum a grupos que, de diversas maneiras, por suas próprias mãos produzem bens e os distribuem no mercado. Talvez não seja um erro pensar que, em uma sociedade que se faz a séculos seguindo um modelo de mercado, as pessoas estariam a tempos pensando dessa maneira, levando em considerações as leis do dinheiro e das mercadorias. Acredito que se possam levar em consideração os trânsitos e adaptações criativas quando se pensa em modos tradicionais de sociabilidade.

As interpretações e reflexões a partir do contato com a pesca artesanal em Laguna foram sendo construídas aos poucos, durante um período relativamente longo de tempo, estando em campo esporadicamente, isso desencadeou um envolvimento intenso e contíguo com o campo. Não posso negar alguma simpatia, intimidade com a prática da pesca e empatia para com as pessoas que ouvi nas conversas que tive em campo ou nas entrevistas que transcrevi. A pesca entrou no meu imaginário, e talvez durante um bom tempo esteja presente. Foi impossível não existir alguma empatia e daí um envolvimento de caráter imparcial.

Quando se conhece pessoas é difícil não pensar que (mesmo com todas as diferenças, em uma sociedade individualista) se nos esforçarmos minimamente para compreender seus sentimentos, o que fica evidente é que a única diferença entre um pesquisador e alguém que está sendo seu interlocutor é o lugar que esses se encontram nessa relação. Pareceu-me muito forte durante a pesquisa o poder implicado na divisão do trabalho manual e do trabalho intelectual.

Esse envolvimento desencadeou uma interpretação um tanto paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que é pragmática (pensando na pesca, por vezes, de modo objetivo) é ao mesmo tempo subjetiva e passional, fictícia e idiossincrática. A decisão de focar temas relacionados ao trabalho (como produção) não se fez aleatória. Era meu interesse pensar a pesca artesanal como uma prática de trabalho envolta nas relações das sociedades complexas. Sociabilidades e trabalho pesqueiro imersos no contexto das sociedades indústrias.

A pesca artesanal é um tema bastante recorrente nos estudos em antropologia, desde autores considerados como pioneiros até autores recentes que abordam a pesca artesanal sobre diversas perspectivas analíticas. Minha pesquisa se encontra dentro deste campo de estudos. A abordagem destaca dos estudos em antropologia sobre a pesca artesanal apenas alguns aspectos, os que me pareciam mais pertinentes à proposta da pesquisa.

Poderia se pensar em desdobramentos futuros a partir dessa pesquisa. Podendo a análise ter maior alcance no campo da pesca artesanal, ampliando as discussões sobre o tema. A abordagem econômica feita sobre a pesca com tarrafa pode ser mais bem explorada em diálogo com pesquisas mais recentes em antropologia sobre a pesca artesanal, propondo novas interpretações com, um olhar mais amadurecido.

Uma pesquisa em antropologia sobre a pesca artesanal com uma abordagem que leve em consideração aspectos da economia industrial capitalista pode ser relevante para que se pense sobre as relações estabelecidas entre modos tradicionais e não tradicionais na constituição do saber-fazer pesqueiro. Acredito que em uma sociedade aonde as relações de trabalho vêm sofrendo alterações desde pelo menos o sec. XVIII muitas formas tradicionais de trabalho foram e continuaram se adaptando às condições impostas para que sobrevivam, de fora mínima, ou, até mesmo, com maior êxito.

Pode-se ampliar o campo de reflexão a respeito de modos tradicionais de relações de trabalho nas sociedades complexas se pensarmos que as formas tradicionais de trabalho são dinâmicas, sempre foram dinâmicas e acompanharam os avanços da sociedade industrial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- AUGÉ, Marc. **Não lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9ª ed. Campinas-SP: Papirus Editora, 2012.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 22ª. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.
- CASTELLS, Alicia Norma Gonzáles de; IINO, Fátima Satsuki de Araujo. **Educar, documentar e valorizar para preservar**: pesca artesanal com o auxílio dos botos em Laguna. Laguna-SC: Ed. Do autor, 2015.
- CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. Significado Múltiplo das Águas. in. DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana .(Org). **A Imagem das Águas**. São Paulo: HUCITEC, 2000.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. “cultura” e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. **Povos e Mares**: Leituras em Sócio-Antropologia Marítima. São Paulo: NAPAUB-USP, 1995.
- _____ **Pescadores Camponeses e Trabalhadores do Mar**. São Paulo: Editora Ática, 1983.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O dicionário da língua portuguesa**. 8ªed. ver. atual. Curitiba: Editora Positivo, 2010.
- GERBER, Rose Mary. **Mulheres e o Mar**: Pescadoras embarcadas no Litoral de Sana Catarina, sul do Brasil. Florianópolis: Editora UFSC, 2015.
- MALDONADO, Simone Carneiro. **Mestres e Mares**. Espaço e Indivisão na Pesca Marítima. São Paulo: ANNABLUME editora, 1994.
- _____ **Pescadores do Mar**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.
- MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MUSSOLINI, Gioconda. **Ensaio de Antropologia Indígena e Caiçara**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- RAMALHO, Cristiano Wellington Norberto. O sentir dos sentidos dos pescadores artesanais. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2011, v.54, nº1

SILVA, Gláucia Oliveira da. Tudo que Tem Na Terra Tem no Mar. A Classificação dos seres vivos entre os Trabalhadores da Pesca em Piratininga-RJ. in. DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. (Org.). **A Imagem das Águas**. São Paulo: HUCITEC, 2000.

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. **Um antropólogo na cidade**. Seleção e apresentação Hermano Viana, Karina Kuschnir e Celso Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____ Biografia, trajetória e mediação. **Um antropólogo na cidade**. Seleção e apresentação Hermano Viana, Karina Kuschnir e Celso Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.